



vida pastoral

março-abril de 2022 – ano 63 – número 344



**FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO
POR UM NOVO HUMANISMO
INTEGRAL E UNIVERSAL**



Construa um espaço escolar favorável ao exercício da cidadania.

Este livro é uma forma de pensar, viver e sentir a educação como uma experiência de felicidade. Mostra o aprender como um processo prazeroso que agrega conhecimentos e valores que nos ajudam a viver e a conviver em harmonia; como uma oportunidade ímpar que nos permite compartilhar sonhos, sentimentos, projetos de vida e, sobretudo, vivenciar os mais nobres valores humanos.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Comunicação
para um mundo melhor



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Paulo Freire (1921-1997) ensinou que a educação é um ato de coragem e, por isso, um ato de amor, porque o amor é uma atitude do coração, este órgão pulsante em nosso peito que bate ininterruptamente desde quando ainda estávamos no ventre materno. Além da sua importância biológica, ele é fonte inesgotável de simbologia. Sua raiz etimológica é a mesma da palavra coragem. A fonte do coração é que nos impele a caminhar na vida com coragem.

Educar, portanto, exige de nós muita coragem. O ato de educar é a possibilidade de compreender o mundo. Essa compreensão é resultado da leitura dos livros e dos sinais dos tempos, o que exige de nós um pensamento complexo.

A filósofa Hannah Arendt (1906-1975), procurando entender os horrores provocados pelos regimes totalitários, observou que o fenômeno não poderia ser entendido por meio de conceitos tradicionais como esquerda e direita, por exemplo. De acordo com a pensadora, compreender significa encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.

Nessa difícil tarefa, Arendt examinou a “corrente subterrânea” da história e investigou como e por que foi possível o surgimento de sistemas políticos que transformaram milhões de seres humanos em “objetos” sem valor. Uma resposta a essa inquietação é que a ideologia dos sistemas totalitários deixou as pessoas desprovidas de uma política eficaz que assegurasse o direito à liberdade. O conceito de liberdade é central na concepção política da autora.

Na obra *Origens do totalitarismo*, Arendt apresentou o resultado de sua tarefa de “compreender o impensável” e vislumbrar a possibilidade de uma eficiente ação política, capaz de

impedir o reaparecimento de algo semelhante ao nazismo no futuro.

O pensamento arendtiano, fundado sobre a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se por uma busca pela dignidade da política. Isso ela fez sem se prender a uma única corrente de pensamento. A ação política, segundo Arendt, apresenta-se como a relação “entre-homens”: no espaço da convivência. São as pessoas mesmas que constroem esse espaço, na liberdade. Deixam suas próprias “marcas” no terreno da história: terreno dos acontecimentos. O contrário disso seria a perda total do “senso comum”, isto é, da capacidade de perceber o que se passa na comunidade.

Em nossos dias, com a implosão da pandemia do novo coronavírus e seus efeitos nefastos, o ato de compreender a realidade tornou-se ainda mais desafiador. Nesta edição de *Vida Pastoral*, nosso objetivo é lançar luzes sobre a complexa situação da educação. O papa Francisco tem insistido nesse tema e convoca os cristãos e as pessoas de boa vontade para empreender esforços em prol do que ele chama de Pacto Global pela Educação. A Igreja no Brasil, em sintonia com Francisco, promove a Campanha da Fraternidade deste ano com o tema “Fraternidade e educação” e o lema “Fala com sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26).

Seja este tempo momento oportuno para dar razão de nossa fé (1Pd 3,15) e deixarmos-nos formar pelo maior educador, Jesus Mestre, e seu coração repleto de amor. Que sua Palavra nos fale ao coração e nos encoraje, de modo que nossos gestos tornem o mundo mais humano e solidário.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 63 - Nº 344
Março-Abril de 2022



PAULUS

© PAULUS – 2022
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti (artigos)
e iStock
(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital



vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO 4
João Justino de Medeiros Silva

POR UMA EDUCAÇÃO QUE HUMANIZA:
O HORIZONTE DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE
DE 2022 12
Patriky Samuel Batista

ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA NO CHÃO
DA REALIDADE: PRÁTICAS PASTORAIS, EDUCAÇÃO
ECOLÓGICA E INCIDÊNCIA TERRITORIAL 22
Eduardo Brasileiro e Gabriela Consolaro Nabozny

A EDUCAÇÃO COMO DESAFIO:
CAMINHOS E POSSIBILIDADES 30
Mauro Passos

ROTEIROS HOMILÉTICOS 39
Marcus Mareano

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 99974-1840

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32, Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

João Justino de Medeiros Silva*

*Dom João Justino de Medeiros Silva é arcebispo metropolitano de Montes Claros-MG. Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação da CNBB. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. *E-mail:* domjoaojustino@arquimoc.com

Fraternidade e educação



O texto considera o tema da Campanha da Fraternidade de 2022, indicando a complexidade da educação, as referências para o discernimento em favor de uma educação humanista e integral, na sua relação com o Pacto Global Educativo proposto pelo papa Francisco. Ao mesmo tempo, apresenta a importante relação da Campanha com a Quaresma, à luz do Evangelho da misericórdia (Jo 8,1-11).



“A espiritualidade da penitência e da conversão tem alcance concreto na vida pessoal, familiar, comunitária e cidadã.”

INTRODUÇÃO

A Igreja no Brasil, desde 1964, propõe para o tempo quaresmal a realização da Campanha da Fraternidade. Esse dispositivo pastoral proporciona forte impulso evangelizador e desperta os membros da Igreja no Brasil para a vivência da fraternidade, em sintonia com o mandamento de Jesus, o amor ao próximo (cf. Jo 13,34). A espiritualidade da penitência e da conversão tem alcance concreto na vida pessoal, familiar, comunitária e cidadã. O Evangelho é inspiração de novas atitudes que se desdobram no estilo de vida e na transformação da sociedade segundo o horizonte da fraternidade, núcleo do mandamento de Jesus.

Alguns poderiam estranhar que, no tempo de preparação para a Páscoa, a Igreja no Brasil proponha a Campanha da Fraternidade, articulada em torno de temas de imediata incidência social. Ora, quem poderia negar a existência de profunda relação entre viver a fraternidade e construir uma sociedade justa e fraterna? A Páscoa de Jesus nos compromete com o anúncio de novos céus e nova terra, da vitória da vida sobre a morte, do triunfo da liberdade sobre qualquer forma de escravidão. A Campanha da Fraternidade não faz sombra ao sentido da Quaresma; antes, potencializa o apelo à conversão, ao identificar realidades pessoais e sociais que precisam ser iluminadas pelo Evangelho.

Toda campanha supõe a mobilização, por tempo determinado, em torno de um objeto ou tema. Nesse caso, o tempo é a Quaresma, período de oportuno chamado à conversão pessoal. A educação será o tema da vez. Já foi tema de duas Campanhas anteriores, avaliadas como muito pertinentes. Em 1982, há quase 40 anos, realizou-se a primeira Campanha da Fraternidade com o tema da educação.

O lema era: “A verdade vos libertará”. Dessa Campanha resultou, em muitas dioceses, a organização da Pastoral da Educação. Depois, em 1998, com o lema: “A serviço da vida e da esperança”, houve a segunda Campanha sobre esse tema. Para a Quaresma de 2022, foi escolhido novamente o tema da educação, com o lema: “Fala com sabedoria, ensina com amor” (cf. Pr 31,26). O objetivo geral é “promover um diálogo a partir da realidade educativa no Brasil, à luz da fé cristã, propondo caminhos em favor do humanismo integral e solidário”.

Ao preparar a Campanha, os responsáveis debateram longamente sobre o contexto atual e sobre a extensão das questões para os próximos anos. Isso quer dizer que os impactos da pandemia do novo coronavírus, no âmbito da educação, farão se sentir ainda mais. De algum modo, os desafios da educação foram potencializados, e a busca de soluções precisa envolver ainda mais as famílias, as instituições de ensino e a sociedade como um todo. A Igreja no Brasil, no exercício de sua missão evangelizadora, compreende que pode contribuir significativamente para a educação, considerando sua histórica participação no âmbito educacional, sobretudo num tempo em que o papa Francisco convoca as famílias, as instituições de ensino e a sociedade para refazer o Pacto Educativo Global.

1. JESUS “FALA COM SABEDORIA, ENSINA COM AMOR”

São João nos apresenta uma cena bastante iluminadora sobre o modo de agir de Jesus como Mestre. O texto é conhecido como o da “mulher adúltera” e se encontra em João 8,1-11. Jesus se encontra em Jerusalém, no contexto da festa das Tendias. Vai ao templo, ensina e desperta comentários da parte dos

judeus: “Como ele é tão letrado, sem nunca ter recebido instrução?” (Jo 7,15). Mais adiante, Jesus volta do monte das Oliveiras e retorna ao templo. Senta-se e começa a ensinar o povo que se reuniu ao seu redor. Então, “os letrados”, escribas e fariseus, aproximam-se para testar sua sabedoria. Apresentam-lhe uma mulher pega em adultério, recordam-lhe o ensinamento da Lei, que manda apedrejá-la, e querem ouvir o parecer de Jesus.

O Mestre se inclina e escreve no chão com o dedo. Diante da insistência dos escribas e fariseus por uma resposta, diz: “Quem entre vós não tiver pecados, atire a primeira pedra!” (Jo 8,7). Jesus volta a inclinar-se e a escrever no chão. Todos saíram pouco a pouco, e a mulher, em pé, ficou só diante de Jesus. Ele a despede com palavras de perdão, as quais a remete à nova vida: “Eu também não te condeno. Vai e, de agora em diante, não peques mais” (Jo 8,11).

O ensino de Jesus é libertador. Observa-se, na cena supracitada, seu modo de tratar os interlocutores e a acusada. De alguma forma, ele libertou a todos com sua sabedoria e seu amor. Libertou os acusadores de matar aquela mulher e, ao lhes tocar a consciência, ocasionou a conseqüente revisão da própria vida. Libertou a mulher de ser apedrejada e abriu-lhe nova oportunidade de vida. Partindo de perguntas ao redor de um fato, Jesus ilumina também, com a verdade da misericórdia e do valor da pessoa humana, os membros do povo que ali estavam e assistiam à cena. Tudo nos leva a concluir que ensinar é libertar o ser humano das muitas amarras impostas pelo pecado, pelo legalismo, pela insensatez, pelo ódio, pela falta da fraternidade.

Esse relato evangélico inspira todo o *Texto-base* da Campanha da Fraternidade de 2022 e também o cartaz, que apresenta Jesus inclinado, a escrever com o dedo no chão, como Mestre da sabedoria e do amor. A liturgia do 5º domingo da Quaresma trará esse Evangelho e evidenciará as relações imediatas entre a conversão pessoal e seu desdobramento social.

2. ESCUTAR PARA INICIAR O DIÁLOGO

Qualquer mudança almejada supõe a percepção de como está o que precisa ser mudado. Em termos pessoais, não pode haver conversão sem o passo de olhar para si mesmo, reconhecer o que precisa ser mudado e reunir motivos, energias e decisões para ser e agir de modo diferente. Essa dinâmica é própria de todos os tempos, mas a Quaresma favorece a revisão de como o cristão está vivendo seu batismo. Incluem-se aí as atitudes promotoras da fraternidade como referências de uma sociedade justa e solidária.

Ao tratar da educação, a Campanha da Fraternidade convida todas as comunidades eclesiais – e, portanto, cada família e cada membro da Igreja – a direcionar sua atenção à educação em nosso país. Trata-se de um esforço para analisar a realidade educativa na perspectiva do mundo familiar, da educação formal – escolas e universidades – e da sociedade em geral. É óbvio que não se pode reduzir a educação à escolarização, embora a escola tenha enorme importância nos processos educativos. No fundo, a educação é sempre obra de muitos. E aqui se revela o ponto de partida da intuição do papa Francisco, ao propor o Pacto Educativo Global. Ele se inspirou no provérbio africano: “Para educar uma criança, é preciso uma aldeia inteira”. Esse provérbio tem a força de uma metáfora. Basta lembrar que, nestes tempos, o mundo é chamado de aldeia global.

No Brasil, a grande maioria da população se encontra nas cidades. Esse dado reforça a compreensão de que os educadores não são apenas os pais e os professores. Embora estes sejam os principais responsáveis pela educação, há muitos outros educadores em cena. A título de exemplo, os modernos meios de comunicação, por intermédio de seus programas, têm fortíssimo impacto na educação da geração atual. Também os artistas educam por suas obras. Quanto conteúdo é transmitido pela poesia, pela música, pelo teatro, pelo



“No fundo, a educação é sempre obra de muitos. E aqui se revela o ponto de partida da intuição do papa Francisco, ao propor o Pacto Educativo Global.”

cinema, pela televisão, pelas redes sociais... Pode-se afirmar que, em algum nível, todas as instituições têm algum impacto educativo.

Vivemos num tempo em que predomina a cultura urbana, tão diversa e plural. Por isso, educar na aldeia global é bem mais complexo do que em outros cenários da história. É perceptível o surgimento de propostas pedagógicas que tendem a limitar ao máximo o tamanho da aldeia, na pretensão de oferecer uma educação mais sólida. Resta saber se o resultado serão pessoas capazes de lidar com a pluralidade da sociedade em todos os aspectos, traço da humanidade que não poderá ser suprimido.

É preciso, pois, analisar o contexto da educação e seus desafios, potencializados pela pandemia. Não resta dúvida de que a pandemia evidenciou e agravou, substancialmente, as desigualdades sociais no Brasil. Em termos de educação, vimos o fosso criado entre a proposta de ensino remoto, por meio das plataformas da internet, e as condições sociais de milhões de alunos, sem os equipamentos adequados para o acompanhamento das aulas e atividades. A ideia de que todo brasileiro tem um celular não explicita a qualidade dos aparelhos, das redes de transmissão, do espaço domiciliar para o estudo, do acompanhamento dos responsáveis pelos estudantes.

Uma análise da educação no Brasil precisa considerar alguns elementos. Nas últimas décadas, houve um aumento significativo das vagas escolares e universitárias. Não se pode, porém, descuidar de uma análise que considere o acesso e a permanência. Se a inclusão deve crescer, o mesmo se espera das políticas públicas que favoreçam a permanência e combatam os altos índices de evasão. Além disso, é preciso considerar a qualidade da educação oferecida:

Os estudos e pesquisas que monitoram os resultados da aprendizagem da educação escolar e as próprias avaliações em larga escala do sistema educacional brasileiro sinalizam um dado preocupante: nossos estudantes aprendem pouco e, em alguns casos, estão aprendendo menos do que aprendiam em anos anteriores aos atuais exames (CNBB, 2018, p. 18).

Outro fato que não pode ser transcurado é o contexto da sociedade da informação. A escola e a universidade deixaram de ser o *locus* da informação, pois na internet se encontra quase a totalidade das informações.

O *Texto-base* não tem como propor uma análise exaustiva da realidade educativa no Brasil. No desenrolar da Campanha haverá, certamente, um somatório de contribuições de centenas de milhares de especialistas, bem como do povo simples das comunidades. Todos são chamados a dar voz e a escutar uns aos outros no exercício de ampliar a visão geral da educação neste país.

3. DISCERNIR COM O MESTRE JESUS

Ao buscar luzes para um novo modo de ser e de agir, todo percurso de discernimento deve recorrer à Palavra de Deus e à Tradição, incluída aí a Doutrina Social da Igreja. A fé cristã confessa Jesus como o Filho de Deus, o Verbo encarnado. E os Evangelhos apresentam, entre os vários títulos de Jesus, aquele de Mestre (cf. Jo 13,13). Isso obriga a reconhecer Jesus como modelo de educador e a recorrer às situações de seus ensinamentos para identificar seu método, ou seja, como ele ensina e educa. Seu relacionamento com as pessoas e a atenção aos acontecimentos denotam especial percepção do universo da pessoa humana e da sociedade.

Nele há uma unidade entre ser, agir e falar. Essa unidade, na sua identidade, desperta atenção e interesse em quem dele se aproxima. Sua atenção aos diferentes interlocutores manifesta um grau de interação marcado pela sensibilidade e pelo reconhecimento da singularidade de cada pessoa. Jesus tem clareza do que propor a cada um segundo o próprio momento de vida. Não poupa as pessoas de desafios para se libertarem de qualquer forma de alienação ou de escravidão. Pode-se dizer que Jesus é Verdade que liberta e Caminho que educa (CNBB, 1992, p. 53-57).

A Igreja, herdeira da missão de Jesus, sempre associou sua missão evangelizadora à tarefa de educar. Sua história é a história dos discípulos missionários educadores. Nenhuma história da educação poderia ser escrita sem recorrer ao grande patrimônio da educação nas instituições católicas de ensino, desde o período patrístico, com São Justino de Roma, por exemplo, passando pelo nascimento das universidades na Idade Média, até os tempos hodiernos, com as redes de educação católica e as pontifícias universidades católicas. No Brasil, a história da evangelização está intensamente permeada da relação entre missão e educação.

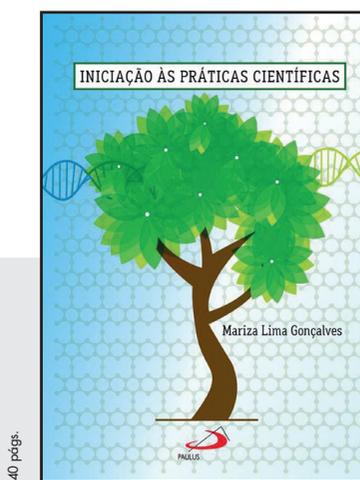
O Concílio Vaticano II e os pronunciamentos da Igreja pós-Concílio estão repletos de pontuações a respeito do zelo católico pela educação. “A autêntica educação, no entanto, visa ao aprimoramento da pessoa humana em relação a seu fim último e ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas tarefas, uma vez adulto, terá de participar” (GE 1).

O cuidado da Igreja pela educação se revela nos inúmeros pronunciamentos sobre o tema em seus principais documentos. A resposta à pergunta sobre que homem e que mulher estamos formando obtém da antropologia cristã um critério especial a ser sempre observado, especialmente na educação católica:

Nenhum mestre educa sem saber para que educa e em que direção educa. Há um projeto de homem encerrado em todo

Iniciação às práticas científicas

Mariza Lima Gonçalves



140 págs.

Ilustrações meramente ilustrativas.

A proposta deste livro é facilitar a elaboração de trabalhos na escola, dos mais simples aos mais complexos.

O exercício da prática científica começa com passos bem direcionados.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

projeto educativo; e esse projeto vale ou não segundo construa ou destrua o educando. Esse é o valor educativo. Quando falamos de educação cristã, queremos dizer que o mestre educa para um projeto de homem no qual viva Jesus Cristo (SD 265).

A perspectiva é sempre a apresentação de uma educação para o humanismo solidário, ou seja, “um processo em que cada pessoa possa desenvolver as próprias atitudes profundas, a própria vocação, e assim contribuir para a vocação da própria comunidade” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2018, p. 14).

Na busca de critérios para discernir e fundamentar uma educação humanista e solidária, como apregoa a Igreja, é importante recorrer ao papa Francisco. É muito fácil perceber como a educação está na história e no coração dele. Sua concepção pedagógica está associada à sua experiência espiritual, escolar e eclesial. Nela, a visão cristã do ser humano é determinante para a ênfase em alguns aspectos abordados por ele com frequência e insistência. Em seus muitos pronunciamentos acerca da educação, podem ser identificados alguns horizontes, tais como: 1) uma educação aberta à realidade (não autorreferencial); 2) uma educação com as marcas da coerência e do testemunho; 3) uma educação sem medo de ousar e aberta à utopia; 4) uma educação que relaciona unidade, diversidade e pluralidade; 5) uma educação atenta e disponível aos mais frágeis; 6) uma educação que transmita conteúdos, hábitos e valores; 7) uma educação a partir da relação, na proposição do encontro; 8) uma educação para o cuidado com a casa comum; 9) uma educação que valoriza a dimensão lúdica; 10) uma educação para o diálogo e o respeito; 11) uma educação que acompanha e ensina a acompanhar; 12) uma educação para o verdadeiro, o belo e o bom (SILVA, 2019, p. 11–21).

Os encontros proporcionados pela Campanha da Fraternidade nas famílias, comunidades, paróquias e escolas possibilitarão a identificação

e o aprofundamento desses e de outros critérios para uma educação que responda aos desafios da realidade brasileira no tempo presente, sem descuidar da opção por um projeto estável de educação, evitando as improvisações ou ciclos segundo mandatos de governos.

4. PROPOR À LUZ DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Que caminhos em favor de uma educação humanista e solidária são propostos pela Campanha da Fraternidade de 2022? Ao dar-se conta da realidade educativa no país e ao encontrar, pelo discernimento, referências iluminadoras, a Campanha, em seus objetivos específicos, busca

incentivar propostas educativas que, enraizadas no Evangelho, promovam a dignidade humana, a experiência do transcendente, a cultura do encontro e o cuidado com a casa comum; estimular a organização do serviço pastoral junto às escolas, universidades, centros comunitários e outros espaços educativos; promover uma educação comprometida com novas formas de economia, de política e de progresso verdadeiramente a serviço da vida humana, especialmente dos mais pobres (CNBB, 2021).

São fundamentais a construção e a indicação de proposições em sintonia com o projeto do Pacto Educativo Global concebido pelo papa Francisco. Há significativa movimentação de famílias e educadores, de escolas e universidades, de igrejas e nações nas direções propostas pelo santo padre. Ele mesmo resumiu quais seriam os elementos essenciais desse pacto:¹ 1) Colocar no centro de cada processo educativo – formal e informal – a pessoa, seu valor, sua dignidade,

¹ Cf. Mensagem em vídeo do papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica, 15 out. 2020. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2020/10/15/videomessaggio-globalcompactoneducation.html>>. Acesso em: 18 out. 2021.

para fazer emergir sua especificidade, sua beleza, sua singularidade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia, rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descarte; 2) Ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens a quem transmitimos valores e conhecimentos, para construir juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna para toda pessoa; 3) Favorecer a plena participação das meninas e jovens na instrução; 4) Ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador; 5) Educar e educarmo-nos para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados; 6) Empenhar-nos no estudo para encontrar outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, de modo que estejam verdadeiramente a serviço do ser humano e da família humana inteira, na perspectiva de uma ecologia integral; 7) Guardar e cultivar nossa casa comum, protegendo-a da exploração dos seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis e respeitadoras do ambiente humano e natural, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade e da economia circulante.

Ao preparar a realização da Campanha, as famílias, escolas, comunidades, paróquias e dioceses deverão ter presentes os principais desafios da educação em seu âmbito e colocá-los sob a luz do Mestre Jesus e da história da educação católica, a fim de descobrir as melhores propostas, envolvendo todos os atores desta peça tão real e decisiva para a humanidade que é a educação.

CONCLUSÃO

O papa Francisco nos diz que “a Quaresma é o tempo favorável para os cristãos saírem da própria alienação existencial” (FRANCISCO, 2015). Sair da alienação significa passar por um processo de conversão e abrir-se para a vivência da fé nas suas dimensões pessoal, eclesial e social. O risco de uma fé alienada

é real. E os apelos da Palavra de Deus, no tempo quaresmal, são um despertar para o compromisso com Aquele que nos amou e por nós se entregou ao Pai (cf. Gl 2,20). Que a Quaresma de 2022 seja um tempo de vida nova na fé em Jesus Cristo e tenha como consequência pessoal novo estilo de cidadania, em que cada um se comprometa a oferecer sua parte nos diferentes processos educativos. Na vida familiar, nas instituições de ensino, nas comunidades e na sociedade, cada um descubra quanto é necessário “falar com sabedoria e ensinar com amor”. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELAM. *Santo Domingo: conclusões. IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã (SD)*. 7. ed. Brasília, DF: CNBB, 1992.
- CNBB. *Educação, Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Documentos da CNBB, n. 47.)
- _____. *Pensando o Brasil: educação*. Brasília, DF: CNBB, 2018. v. 4.
- _____. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2022*. Brasília, DF: CNBB, 2021.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*. Brasília, DF: CNBB, 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem aos fiéis brasileiros por ocasião da Campanha da Fraternidade de 2015*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150202_messaggio-campagna-fraternita.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- SILVA, João Justino de Medeiros. Prefácio. In: SAYAGO, Óscar Armando Pérez (Org.). *O projeto educativo de Francisco*. Curitiba: PUC-PRESS, 2019. p. 7-21.
- VATICANO II. *Gravissimum Educationis: Declaração sobre a educação cristã (GE)*. In: _____. *Compêndio do Vaticano II*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

Patriky Samuel Batista*

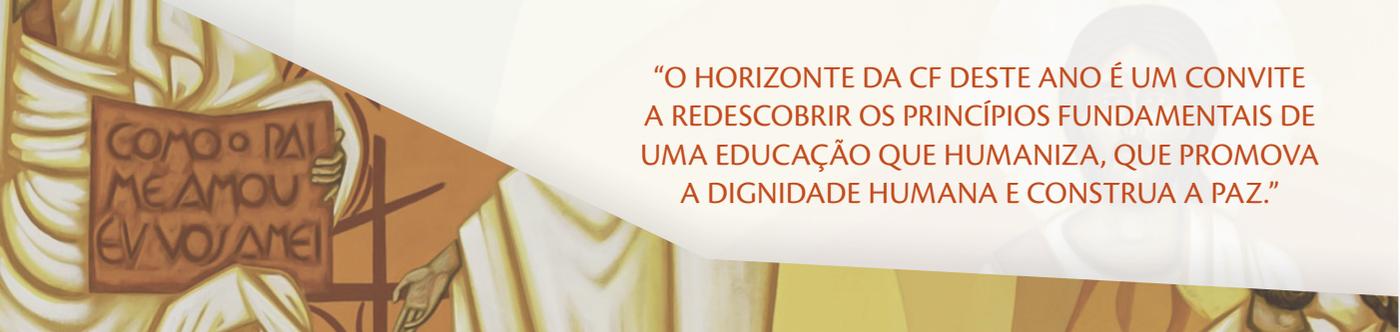
*Pe. Patriky Samuel Batista é secretário executivo de Campanhas da CNBB. Especialista em Pastoral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje) em Belo Horizonte-MG. E-mail: patrikysb@yahoo.com.br



Por uma educação que humaniza:

o horizonte da Campanha
da Fraternidade de 2022





“O HORIZONTE DA CF DESTE ANO É UM CONVITE A REDESCOBRIR OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE UMA EDUCAÇÃO QUE HUMANIZA, QUE PROMOVA A DIGNIDADE HUMANA E CONSTRUA A PAZ.”

Introdução

Em cada momento histórico, emergem condições sociais que necessitam de uma atenção prioritária. Tais condições põem em destaque algumas exigências e desafios que se impõem ao anúncio do Evangelho e à promoção do bem comum: o valor da dignidade humana, o empenho pela paz, a capacidade de cuidar e dialogar, o direito e acesso à educação e à cultura. A educação é um dos componentes fundamentais que promovem e favorecem o valor da dignidade humana e, por essa razão, necessita de uma atenção prioritária. Sem ela, não existe verdadeiro progresso que alcance todos os membros de uma nação. Comprometer-se com o bem comum, à luz da fé cristã e da Tradição da Igreja, supõe irrestrito compromisso com a promoção de uma educação integral, a fim de que “todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10).

Em 2022, a CNBB promove a 58ª edição da Campanha da Fraternidade, pondo em evidência o tema da educação. Fraternidade e educação: “Fala com sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26). Partindo do cenário pandêmico da covid-19, neste tempo quarzmal, somos interpelados pela realidade da educação, que exige profunda conversão de todos. Algo pode e deve ser mudado nesse contexto. Conversão que também inaugura um caminho capaz de promover o desenvolvimento pessoal integral, a formação para a vida fraterna e para a cidadania. O horizonte da CF deste ano é um convite a *redescobrir os princípios fundamentais de uma educação que humaniza*, que promova a dignidade humana e construa a paz. Um caminho que, nas palavras do papa Francisco, deve também ser assumido por meio da adesão ao *Pacto Educativo Global*.

1. Quem ama cuida, dialoga e educa

Em toda a sua história, a CF se destaca como um espaço de reflexão sobre temas de singular importância para o conjunto da sociedade. Refletir, discernir e atuar sobre tais situações significa dar início a bons procedimentos de transformação da realidade. Situações que só serão superadas quando, vencidos o pecado e a morte, a comunidade cristã for testemunha do Ressuscitado, sendo “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16). Cada Campanha deseja despertar o profetismo do povo de Deus como resposta de uma vida que, reconciliada com Deus e com os irmãos e irmãs, rompe com toda indiferença, contribuindo, assim, para o nascimento e o desenvolvimento de iniciativas que perduram até hoje. Uma das mais belas contribuições da CF reside justamente na arte de iniciar processos em que cada um é chamado a fazer-se dom e serviço para os homens e mulheres de boa vontade.

Belo exemplo é a Pastoral da Educação, que nasce em 1982, quando o tema foi abordado pela primeira vez em uma CF. Reflexão que volta em 1998, apresentando a educação como serviço à vida e à esperança. Notamos, assim, uma linha de continuidade nas reflexões propostas nos últimos anos: uma vida fraterna que se revela no compromisso de superação da violência (2018); vivendo como irmãos e irmãs, conhecendo políticas públicas e participando da sua construção, com especial atenção aos mais pobres (2019); acolhendo a vida como dom de Deus a ser cultivado e como compromisso assumido (2020). Pelo exemplo de Santa Dulce dos Pobres, no início da pandemia, fomos chamados a ver, sentir compaixão e cuidar. Ações que se tornaram verdadeiro projeto de vida solidária: é tempo de cuidar! Quem cuida está aberto e disponível para o

diálogo, que vai além de uma conversa. Diálogo é compromisso de quem ama (2021), de quem não se esquece do caminho da correção fraterna (Mt 18,15-20). Diálogo que não deve ser algo pontual, estabelecido somente entre pares, e sim assumido como verdadeiro estilo de vida. Agora a CF-2022 nos convida a promover diálogos na perspectiva da realidade educativa, à luz da fé cristã, propondo caminhos em favor de um humanismo integral e solidário.

2. Gestos e opções que não educam

Em que contexto a CF-2022 será realizada? Não é difícil notar que o cenário educacional, mesmo com significativos avanços desde a primeira Campanha que tratou sobre o tema, ainda é profundamente marcado por inúmeros desafios e contradições evidenciados agora pela pandemia da covid-19.

Perduram a desigualdade social, a falta de oportunidades e de equidade no acesso a uma educação de qualidade, sendo os pobres os mais prejudicados. Muitos modelos educativos fizeram da escola um espaço para disputas ideológicas e de preparação exclusiva para a aprovação no vestibular, não considerando uma educação integral, em favor da convivência social, do serviço à comunidade e da promoção do bem comum. A cada dia, as redes sociais são transformadas em verdadeiro palco de disputas, troca de ofensas, mentiras e total falta de respeito à pessoa. Desconhecem o princípio da caridade, a virtude da prudência e a misericórdia evangélica. Claros sinais das consequências da ausência de um olhar integral, voltado para a educação da pessoa.

Pondo a ciência sob suspeita, promovendo a desvalorização da educação popular e a sabedoria das comunidades tradicionais, corremos o risco de restringir a educação a interesses pessoais e até mercadológicos. O não reconhecimento do papel e da importância dos professores e até mesmo da escola também adia e não favorece a mudança desse cenário. Isso sem falar da ausência de investimentos, da

não prioridade da educação como caminho de construção de um futuro melhor para a nação. O descaso para com a educação pública, a indiferença diante dos desafios regionais em um país de dimensões continentais, a ilusão de que o analfabetismo já não existe no Brasil e a apatia diante da triste situação dos inúmeros analfabetos funcionais parecem perpetuar a concepção de que a educação nunca será assumida como prioridade.

O contexto atual está profundamente marcado pelos desafios impostos ao mandamento do amor, em contraste com as consequências mortais do pecado, manifestado nas diversas polarizações, na ausência da escuta do outro, na incapacidade de dialogar e perceber o conjunto da realidade com um olhar de compaixão, de cuidado e misericórdia. Ainda prevalece a cultura da indiferença, do descartável, do desencontro e do desprezo, o descompromisso com o diálogo, sobretudo com o diferente, e a triste realidade da rejeição da fraternidade como elemento constitutivo do ser humano. A isso se soma a crise do senso de pertença e do compromisso comunitário.

Temos ainda, diante dos olhos, uma avalanche de dados e estatísticas que mostram as consequências do descaso pela educação. Muitas pautas políticas pleiteiam soluções individuais restritivas, sem nenhum interesse pela educação pública, que abrange a maioria dos estudantes do país. São crescentes a evasão escolar, a falta de oportunidades para muitos jovens que foram obrigados a deixar os estudos para ajudar a manter a família em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar. Um ensino remoto sem infraestrutura de qualidade, com dificuldades de acesso à internet. Pais alijados do seu papel educativo e a própria falta de compreensão do papel da família e das instituições de ensino que devem colaborar com a família em sua tarefa de educar. Também é motivo de preocupação a ausência de propostas educativas que promovam a experiência do transcendente, a cultura do encontro e o cuidado com a casa comum.

“EDUCAR É UM ATO DE AMOR E DE ESPERANÇA NO SER HUMANO. EDUCAMOS PORQUE ACREDITAMOS NA PESSOA, EM SUAS CAPACIDADES, EM SEUS DONS, TALENTOS E NA ARTE DE SUPERAÇÃO EM MEIO À DOR E AO SOFRIMENTO.”

Muitos projetos e metas educacionais são estabelecidos sem autêntica participação popular, além de não envolverem a *expertise* das instituições de ensino, a experiência educacional da Igreja e de setores da sociedade que possuem notório empenho por uma educação de qualidade integral, que humaniza as relações. Ademais, universidades e instituições de ensino filantrópicas muitas vezes não são reconhecidas pelos benefícios prestados à sociedade. É inegável a importância de um ensino superior de qualidade, que contribua para o desenvolvimento da sociedade e para a promoção do bem comum. No entanto, é notório que muitos pais e responsáveis pela educação de crianças, adolescentes e jovens focam apenas na formação em vista do ingresso na universidade, delegando a outros a missão de educar para os valores éticos e morais, e para as virtudes, deixando de incluir na educação regras basilares de disciplina e até mesmo noções básicas de higiene. O respeito pelo outro, o cultivo de bons modos, o compromisso com a verdade, o valor de uma vida honesta, a consideração pela sabedoria dos idosos são outros desafios que se impõem a uma educação integral. Isso se observa também no que concerne à educação na fé e à experiência do transcendente. Via de regra, essa responsabilidade fica delegada à catequese paroquial.

A superação desse cenário não nasce da eleição de culpados nem do diagnóstico das causas que nos fizeram chegar até aqui, mesmo que sejam elementos importantes a serem considerados para avançarmos rumo à oferta de um melhor processo educativo. O caminho para a mudança parte de um olhar atento para a realidade, escutando o que muitas vezes não é dito, saindo da zona de conforto perpetuada por um lamento sem fim, despertando a ousadia e a criatividade que podem nascer do resgate da

experiência da educação cristã. As mudanças que tanto desejamos para a educação começam quando são assumidas por cada um de nós, em cada decisão e opção cotidianas que incidem nos ambientes. Aqui, é de suma importância a participação em audiências públicas, bem como o envolvimento direto na construção de políticas públicas educacionais e a participação ativa da família no acompanhamento da vida escolar.

Por essa razão, a CF-2022 não se restringe a apresentar este ou aquele modelo educativo como única via de solução, mas deseja provocar uma reflexão: onde a experiência da Tradição cristã pode contribuir para mudar esse cenário? *O que a pandemia revela da nossa cultura no que diz respeito à educação?* Educar é muito mais do que instruir ou transmitir conhecimento. Educar é um ato de amor e de esperança no ser humano. Educamos porque acreditamos na pessoa, em suas capacidades, em seus dons, talentos e na arte de superação em meio à dor e ao sofrimento. “O sofrimento do outro constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos” (FRANCISCO, 2014).

Cada ser humano tem algo a contribuir, a fim de que nossas relações sejam marcadas pelos princípios da amizade social e da solidariedade guiada pela fé. A educação geradora de compromisso revela a face cristã da solidariedade, que significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade, pois supõe “a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. Isso significa solidariedade. Não é só questão de ajudar os outros, o que é muito bom fazer, mas é mais. Trata-se de justiça” (EG 188).

Temos a tendência de aprender com maior facilidade sobre os fatos do que sobre nós mesmos. Se o sentido da educação não se restringe aos aspectos técnicos e científicos, que são importantes e necessários, é preciso crescer na consciência de que a educação integral, comprometida com novas formas de economia, de política e de progresso a serviço da vida humana, só atingirá seus objetivos quando todo aparato formativo despertar o nascimento da sabedoria. Ela nasce quando a experiência da beleza da vida e do encontro com o outro edifica pontes, inaugura novo olhar e nova percepção da existência.

Aqui, vale a pena recordar as palavras do papa Francisco dirigidas aos participantes do Seminário “Educação: o Pacto Global”, organizado pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais em fevereiro de 2020:

Educar não é apenas transmitir conceitos, mas um trabalho que exige que todos os responsáveis – família, escola e instituições sociais, culturais e religiosas – participem desse processo de forma solidária. Para educar, é necessário integrar a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos. Que um educando pense o que sente e o que faz, sinta o que pensa e o que faz, e faça o que sente e o que pensa (PAPA..., 2020).

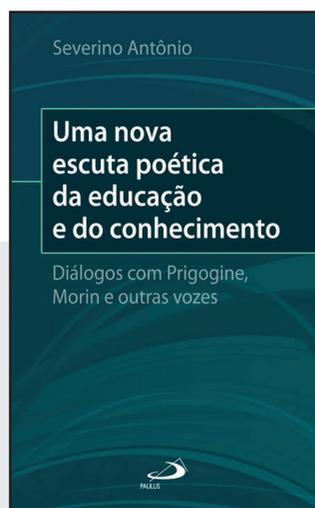
O sentido de educar também está na coragem de formar pessoas disponíveis para se porem a serviço do outro, da comunidade, da sociedade. O serviço à vida, um dos principais pilares da cultura do encontro,

significa inclinar-se sobre quem é necessitado e estender-lhe a mão, sem cálculos nem receio, com ternura e compreensão, como Jesus se inclinou para lavar os pés dos Apóstolos. Servir significa trabalhar ao lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo, relações humanas, de proximidade, vínculos de solidariedade (FRANCISCO, 2013b).

Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento

Diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes

Severino Antônio



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra propõe um ensino sobre as interpretações do mundo a partir de imagens, contextos e de novos processos de raciocínio. Apresenta a imagem do mundo como texto e a da existência humana como poema.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

3. “E todo o povo vinha até ele, que, sentado, os ensinava” (Jo 8,1)

O *Texto-base* da CF-2022 segue o método ver, julgar e agir, apresentado este ano com uma linguagem que recupera as pedagogias do papa Francisco: *escutar, discernir e agir*. Esse método, como já nos lembra o *Documento de Aparecida*, n. 19, implica contemplar a Deus com os olhos da fé, por meio de sua Palavra revelada. Por essa razão, ver a realidade supõe envolver-se com ela tal como discípulo que é enviado ao mundo (Mt 28,19). Conhecemos determinado *chão* quando sabemos *quem nele pisa*, habita e percorre. Uma escuta atenta que ajuda a compreender o que realmente se passa em determinado contexto. Com base na escuta dos sinais dos tempos, é preciso discernir, à luz da fé, os desafios da realidade educativa em seu conjunto, para alcançar propostas plausíveis de superação de lacunas e dificuldades que comprometem a qualidade da educação em todos os âmbitos.

Antes de abordar cada uma das etapas do método, o *Texto-base* apresenta um ícone da Palavra de Deus. Somos discípulos e discípulas da Palavra. Eis o lembrete! Ela é nossa primeira referência, pois, por meio da Palavra que salva, vemos e ouvimos a realidade e ali identificamos o que não corresponde ao plano de Deus, ao seu Reino de amor e justiça. O Evangelho revela como Jesus atraía pessoas, grupos e a multidão sobretudo pelo seu modo de ensinar. Suas atividades podem ser apresentadas por meio de três atitudes básicas e constantes: anunciar, ensinar e curar. Jesus inicia seu ministério público dando testemunho de vida, fazendo e ensinando (cf. At 1,1). No entanto, parece que o ato de ensinar sobressai aos demais (Mt 4,25; 5,2).

A cena de Jo 8,1-11 nos introduz no tema da CF-2022, ao mesmo tempo que nos ajuda a compreender o modo como Jesus fala

com sabedoria e ensina com amor. O capítulo começa afirmando que, ainda de madrugada, Jesus estava no templo ensinando e o povo ia até ele para escutar sua Palavra. De repente, uma mulher surpreendida em adultério é colocada literalmente entre Jesus e seus acusadores. Ela ocupa o centro das atenções. Deve ser julgada, mas não somente ela, já que Dt 22,22 afirma que tanto o homem como a mulher deveriam receber igual condenação. O homem, contudo, não se faz presente. Os escribas e os fariseus recordam a Lei de Moisés e questionam Jesus sobre qual seria seu modo de agir em relação àquela pessoa. Temos aqui belo exemplo do que significa o ato de educar que leva em consideração não o agir por impulso, mas a graça da sabedoria e o primado do amor-misericórdia, que vê a pessoa e as circunstâncias em que ela está inserida. Todos ali estão prestes a serem educados, mas nem todos levam para a vida a educação recebida.

Na verdade, os escribas e fariseus queriam acusar Jesus, condená-lo a partir de sua posição. Nessa hora, o Divino Mestre se inclina e escreve aquilo que São João não registrou, mas ficou gravado para sempre no coração do Evangelho. Inclinando-se Jesus ao lado daquela que estava prestes a ser condenada, percebemos que qualquer pedra que fosse a ela dirigida também o atingiria. Eis que vem a sentença: “Quem dentre vós não tiver pecado atire a primeira pedra!” (Jo 8,7). Ninguém se atreve, e Jesus conclui, indicando novo caminho a ser percorrido: seguir adiante com toda liberdade para não mais pecar (Jo 8,10-11).

Esta é uma das mais belas lições que a CF-2022 nos oferece: educar é não agir por impulso, mas conhecer as circunstâncias, reconhecer a dignidade da pessoa e a liberdade como bases para seu crescimento. Eis importante princípio da educação: crer que todos

“COM BASE NA ESCUTA DOS SINAIS DOS TEMPOS, É PRECISO DISCERNIR, À LUZ DA FÉ, OS DESAFIOS DA REALIDADE EDUCATIVA EM SEU CONJUNTO.”

podem mudar, todos podem ser melhores do que são, todos podem assemelhar-se a Jesus, assumir suas atitudes e valores. Educar supõe proximidade, escuta, diálogo, dedicação, amor, empatia e esperança de que algo pode ser diferente. Orientar para o bem é compromisso de recondução e amor. Não se dá por meio da repressão, mas conta com o precioso auxílio da ternura e a coragem de propor um caminho diferente. Quem está em situação de pecado, quem errou, só muda de vida quando se sente verdadeiramente amado e acompanhado.

Só quem faz a experiência do amor é capaz de ser educado. No amor, a correção é acolhida com maior adesão, superando o ódio e a vingança. Hoje carecemos dessa consciência de que a educação é também lugar para viver o amor que gera vida. Por isso, ao invés de gerar vínculos, humanização e sabedoria, convivemos com diversos paradigmas educacionais que geram indiferença, descompromisso com o outro, espírito de concorrência, disputa e vingança, aumentando o círculo da violência, promovendo o desencontro e agredindo a sacralidade da vida. Como nos alerta o papa Francisco: “Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta” (FT 35).

O amor é quem dá condições para percorrer novo caminho. Educar é conduzir e acompanhar a pessoa, chamada a sair da condição do *não saber* rumo à consciência de si mesma e do mundo em que vive. A direção da educação é sempre o futuro, os novos horizontes. É o que Jesus (coração que ama) revela na relação com aquela que pecou (miséria). Quando Jesus se encontra com quem deseja uma vida nova, que nasce do perdão e da misericórdia, uma declaração de amor está dada: “Vai e não peques mais” (Jo 8,11). O perdão é a manifestação amorosa da graça de Deus. Uma vez perdoado, educado pelo amor, o coração humano não se cansa de, também ele, transbordar em amor e perdão. Por isso podemos falar de reparação.

4. Os princípios para a construção de um contexto educativo

A CF-2022 nos ajuda a *redescobrir alguns princípios fundamentais de uma educação que humanize*, que promova a dignidade humana e construa a paz. A educação deve assumir como referência a centralidade da pessoa em sua qualidade de ser de relações aberto ao transcendente. Ela não acontece em um único ambiente e tem a família e a escola como grandes aliadas, não reduzindo sua tarefa apenas ao ensino técnico e científico, pois está sempre atenta à integralidade da pessoa. Educar é um ato de esperança e de amor ao ser humano. A educação também se dá pelas experiências do cotidiano. Esse é um processo permanente e dinâmico.

Acreditar na força transformadora da educação, reconhecer e valorizar todos os atores educacionais situa-nos como eternos aprendizes, pessoas que sempre têm algo a aprender e algo a ensinar. Caminho que supõe novo despertar das relações de cuidado e compromisso com uma ecologia integral. Assim, a educação não pode estar refém de interesses mercadológicos, ideológicos e instrumentais. Ela possui uma dimensão social capaz de promover intervenções concretas em vista do bem comum e da dignidade humana. A educação contribui para o progresso da humanidade, para o desenvolvimento dos povos, concretizando a fraternidade humana e a amizade social.

Santa Edith Stein insere no contexto educacional a importância da empatia como caminho que favorece uma educação integral. Segundo ela, “o fato de viver um valor é fundamental a respeito do próprio valor. Mas, com os novos valores obtidos por meio da empatia, o olhar se abre simultaneamente sobre os valores desconhecidos da própria pessoa” (STEIN, 2003, p. 228, apud BAREA, 2015, p. 102). A empatia é elemento que revela a singularidade da pessoa em suas relações. Atitudes empáticas favorecem o

crescimento integral, o amadurecimento e desenvolvimento da pessoa, permitindo, assim, que, onde quer que ela esteja, seja capaz de contribuir para o crescimento de sua comunidade e das pessoas com quem convive. Tal caminho possibilita o exercício de uma pedagogia que humaniza, em que o diálogo e a troca de saberes são possíveis e necessários, mesmo com as diferenças que nos caracterizam.

Segundo a Congregação para a Educação Católica (2014), no documento *Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova*, mesmo na pluralidade dos contextos culturais e na variedade das possibilidades educativas e também dos condicionamentos do tempo presente, existem alguns princípios que, não somente na escola ou na universidade católica, exprimem a toda a sociedade a visão da comunidade cristã sobre a educação:

- a) o respeito pela dignidade de cada pessoa e pela sua unicidade e, portanto, a rejeição de uma educação e instrução de massa, que tornam a pessoa humana manipulável e a reduzem a um número;
- b) a riqueza de oportunidades oferecidas aos jovens para fazer crescer e desenvolver as próprias capacidades e talentos;
- c) equilibrada atenção aos aspectos cognitivos, afetivos, sociais, profissionais, éticos, espirituais;
- d) o encorajamento para que cada pessoa possa desenvolver os próprios talentos, num clima de cooperação e de solidariedade;
- e) a promoção da pesquisa científica como empenho rigoroso em relação à verdade, com a consciência dos limites do conhecimento humano, mas também com grande abertura da mente e do coração;
- f) o respeito pelas ideias, a abertura ao confronto, a capacidade de discutir e colaborar num espírito de liberdade e de atenção pela pessoa.

5. O Pacto Educativo Global: educação, dom e compromisso

A humanidade só terá verdadeiro progresso por meio da educação. Uma educação integral, hoje necessitada de grande movimento que favoreça ampla aliança de forças – pais, familiares e responsáveis pela educação de jovens, crianças e adultos, com a participação direta de todos os profissionais da educação, comunidades de fé, organizações, instituições e entidades –, dando início a um processo educativo em que o ato de educar forme as próximas gerações para que superem a indiferença e sejam capazes de construir nova realidade.

Assim nasce o Pacto Educativo Global, proposto pelo papa Francisco como resposta que visa buscar caminhos de superação do atual cenário educacional, com a consciência de que, se não houver a união de esforços para educar hoje, o futuro não será diferente do presente. Como afirma a sabedoria africana: “Para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”. Somos parte dessa aldeia. Por essa razão, é preciso exercitar a escuta de outros ambientes e instituições que desempenham funções educacionais.

Nesse horizonte, a CF-2022 nos estimula a trabalhar por uma educação que humanize e encontre caminhos promotores da vida fraterna. Fraternidade que não é apenas o resultado do respeito às liberdades individuais, nem mesmo da prática de certa equidade (FT 103). Quando não há a fraternidade conscientemente cultivada, quando não há vontade política de concretizá-la, traduzindo-a em uma educação para a fraternidade, dificilmente o diálogo, a descoberta da reciprocidade e o enriquecimento mútuo serão alcançados como valores. Educar é gerar fraternidade.

Não podemos nos esquecer do grande alerta que o papa Francisco nos faz:

A educação será ineficaz e seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso

contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado (LS 215).

Eis a proposta: recuperando os princípios de uma educação que humaniza e, com base neles, iniciando processos educativos capazes de ressignificar as relações no horizonte da fraternidade, a CF-2022 proclama que a educação é verdadeiro serviço à vida. Ela colabora na reconstrução do tecido social quando faz opção pelo diálogo como caminho que educa para a liberdade, para o respeito ao outro, para a promoção da cidadania. O Pacto Educativo Global recorda ser urgente uma educação para

o bem comum, para o compromisso com a comunidade e, especialmente, para o cuidado com os empobrecidos e vulnerabilizados. Educar é um ato de amor e esperança no ser humano que exige compromisso de todos. Tanto a educação formal como a informal contribuirão para a elaboração de um modelo de progresso e de vida humana que respeite as pessoas e o planeta Terra. Que a CF-2022 desperte em nossas comunidades autêntico espírito educativo integral a serviço do Evangelho, pois, ainda hoje, com Cristo, o coração dos cristãos se compadece ao ver numerosa multidão que vive como ovelhas sem pastor. É o coração compadecido com a realidade, a partir da qual Jesus ensina muitas coisas (Mc 6,34). **vp**

Referências bibliográficas

- BAREA, Rudimar. *O tema da empatia em Edith Stein*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- CNBB. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2022*. Brasília, DF: CNBB, 2021.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova*. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG)*. 2013a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- _____. *Discurso na visita ao Centro Astalli de Roma para a assistência aos refugiados*. 10 set. 2013b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130910_centro-astalli.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- _____. *Mensagem para a Quaresma de 2015*. 4. out. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20141004_messaggio-quaresima2015.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- _____. *Laudato Si': Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (LS)*. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- _____. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT)*. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- PAPA Francisco presta homenagem aos professores do mundo. *ACI Digital*, 7 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-presta-homenagem-aos-professores-do-mundo-96963>>. Acesso em: 18 out. 2021.

*Eduardo Brasileiro é graduado em Sociologia e Política (FESPSP) e mestrando em Sociologia na PUC Minas. Educador na periferia de São Paulo, participa das CEBs da Paróquia Nossa Senhora do Carmo de Itaquera. Compõe o Nesp (Núcleo de Estudos Sociopolíticos) e o Grupo de Reflexão e Trabalho da Economia de Francisco e Clara, ambos da PUC Minas. É integrante da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco (ABEFC) e membro da coordenação executiva da 6ª Semana Social Brasileira da CNBB. *E-mail:* eduardobrasileiroc@gmail.com

**Gabriela Consolaro Nabozny é formadora nacional da Juventude Franciscana (Jufra) do Brasil e integrante da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco. Mestranda em Direito Ecológico e Direitos Humanos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Direito Penal e Processo Penal pela Academia Brasileira de Direito Constitucional (ABDCONST), bacharela em Direito pela UFSC. Pesquisadora do Grupo Transdisciplinar em Pesquisa Jurídica para uma Sociedade Sustentável – CNPq/UFSC. *E-mail:* gabrielacnabozny@gmail.com



Economia de Francisco e Clara no chão da realidade: práticas pastorais, educação ecológica e incidência territorial

A Economia de Francisco e Clara é uma resposta do papa Francisco – ao lado de movimentos populares, organizações, intelectuais e juventudes do mundo inteiro – à crise generalizada que emerge das entranhas da sociedade capitalista. O espírito eco-humanista que brota em Roma e se dissemina como resposta às encruzilhadas civilizatórias é vivido com base em novos paradigmas que, na ecologia integral e na solidariedade política, desenham novo corpo na sociedade e suas bases econômicas. A absorção e a vivência das propostas advindas desse chamado são o maior desejo da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), motivo pelo qual tem sido desenvolvida vasta atuação pastoral e eclesial a fim de construir alternativas no cotidiano do povo e efetivar, no chão da realidade, o chamado a “realmar” a economia.

INTRODUÇÃO

O papa Francisco, forte mobilizador da Conferência de Aparecida, assume seu pontificado respondendo à fatídica constatação de que “vivemos uma mudança de época” (DAp 44) e introduz a Igreja, radicalmente, nessa mudança de época pela “Alegria do Evangelho”. Propõe, assim, rasgar o tecido de uma evangelização mecânica e imparcial para desenvolver novas perspectivas no corpo da Igreja. Não se trata do antagonismo entre a pastoral catequético-sacramental disciplinar e uma pastoral com rosto mais moderno e “estilizado”; trata-se, antes, de ir a fundo na crise fundacional: pastoral é anúncio, testemunho e diaconia. E para qual mundo essas três dimensões pastorais têm apontado?

1. CRISE DA PASTORAL E RESGATE DO COMUNITÁRIO

A crise exige mudança de atitude. A pastoral é envolvida pela mecanicidade do sistema neoliberal, que adequa a consciência pastoral a uma subjetividade empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016). A racionalidade empreendedora invade a vivência pastoral e assalta a

experiência de uma espiritualidade da interioridade do humano, buscando naturalizar uma espiritualidade econômica da competição, da acumulação e do consumismo. Essa razão é muito sutil, pois parte do discurso da ética comercial, que desenvolve uma sociedade do desempenho (HAN, 2018) e do ressentimento diante da falta de compreensão da realidade histórica (FT 13) e diante da precarização das políticas de proteção social ampliada (saúde, trabalho, educação, assistência social). A fratura social tem traços de crise identitária resultante da globalização. Quanto menos controle as pessoas têm sobre o mercado e sobre o Estado (CASTELLS, 2018), mais se recolhem numa identidade própria que não possa ser dissolvida pela vertigem dos fluxos globais: refugiam-se em sua nação, em sua família, em seu deus.

Enquanto as elites triunfantes da globalização se proclamam cidadãos do mundo, amplos setores sociais se entrincheiram culturalmente num mister de subjetividades: o mediatizado, o endividado, o securitizado e o representado. Em síntese, o mediatizado é governado pelo controle das redes de comunicação global e pelos seus interesses ideológicos. O endividado



“A estrutura neoliberal da sociedade nos faz individualistas e competitivos, e nos afasta da essência do ser cristão: viver em comunidade.”

é afetado pela hegemonia das finanças que os bancos produziram. O securitizado é uma figura oprimida pelo medo e sequioso de proteção. E, por fim, o representado é fruto da manipulação advinda da narrativa de que é a corrupção que apodrece o país (NEGRI; HARDT, 2016). O fundamental, para entender aqui o papel da pastoral, é que a fratura social se une a uma fratura cultural, constituindo discurso, hermenêutica e prática que façam a manutenção dos interesses desses coletivos familiares.

Nesse contexto se evidencia o enfraquecimento da efetivação da soberania popular e da crença na potencialidade de mudança emanada de pessoas organizadas coletivamente. De outra parte, há o fortalecimento da perspectiva individualista, com base na concepção do “sujeito empresarial/neoliberal”. Ou seja, a moral básica do neoliberalismo se caracteriza por todos serem considerados completamente autônomos em suas ações e completamente responsáveis pelos resultados decorrentes.

As teorias e conceitos apresentados são importantes para conseguirmos analisar o que vivemos no chão das nossas realidades, em nossas comunidades e paróquias, as atitudes e organizações que nos afastam da efetividade da Economia de Francisco e Clara. A estrutura neoliberal da sociedade nos faz individualistas e competitivos, e nos afasta da essência do ser cristão: viver em comunidade. A ação pastoral, o trabalho em grupo, a junção de energias para construir o Reino de Deus em nós necessitam da força do coletivo.

Viver o cristianismo é lutar pelo comunitário e buscar o fortalecimento das práticas coletivas, que já foram vividas outrora na Igreja do Brasil, mas hoje, cada vez mais, sucumbem à tentação de considerar o “eu” mais importante que o “nós”. As dificuldades crescentes da

vivência pastoral são proporcionais às mudanças do mundo, que rumam na direção oposta, da competitividade e do esvaziamento. Mesmo as ações mais diminutas se tornam grandes e essenciais atos de resistência, uma vez que vivenciar o coletivo, na atualidade, significa romper com o véu do neoliberalismo, que ofusca a visão e nos faz individualistas até nos momentos de viver a cotidianidade do cristianismo – este, em essência, coletivo.

O papa Francisco afirma a todo cristão e a toda cristã: “Não deixeis que vos roubem a comunidade” (EG 92), a fim de concretizar uma saída possível diante da barbárie: o resgate do comunitário em chave libertadora. Francisco o faz com os guardiões da ética comunitária – os movimentos populares, capazes de territorializar lutas mesmo diante do avanço da globalização da economia e da comunicação, o qual solapou e desestruturou as economias nacionais, limitando a capacidade do Estado-nação de responder, em seu âmbito, a problemas que são globais na origem.

O paradoxal é que o tempo da crise é ambivalente: impõe-se como limite da ação pastoral (já não há nada que fazer) ou propulSIONA a ação pastoral na direção profética de territorializar a tridimensionalidade pastoral com base na preferência pelos empobrecidos e pela mãe Terra. Esse convite nos lança a experimentar uma consciência cotidiana mediante a percepção das dores coletivas, das marcas do empobrecimento, e a fomentar redes possíveis com base no pensamento cooperativo, compartilhado e distributivo. Leva-nos também a experimentar a consciência planetária, que reconhece a importância de enxergar as relações dos limites planetários e de forjar uma lógica político-econômica voltada à ecologia integral.

O comunitário exige reaprender a solidariedade política e a ecologia integral como práxis de novas economias. A inversão

de prioridades se traduz no fomento da atenção constante ao bem comum e da preocupação pelo desenvolvimento humano integral (FT 276). O instrumento para isso é a cultura do encontro, essa palavra-ação do papa Francisco que provoca um deslocamento e a priorização de uma pastoral que seja farol dos empobrecidos, pois reconecta os que possuem algum privilégio socioeconômico e os interpreta em chave libertadora. Como Francisco afirma, é “querer encontrá-los, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos [...], tornando-se um estilo de vida” (FT 217).

“Realmar” a economia, como nos pede Francisco, é pensar a pastoral construtora de outros estilos de vida, que sejam solidários e considerem o *des-envolvimento* territorial amplo. É fortalecer a proximidade, como pedagogia para um discernimento coletivo e para a evidenciação de conflitos, em meio aos quais se busca que o povo no território invista contra todo privilégio e injustiça. A pastoral, ao viver seu chamado comunitário, passa do excesso para o suficiente, do acúmulo para a partilha, da economia neoliberal para a Economia de Francisco e Clara.

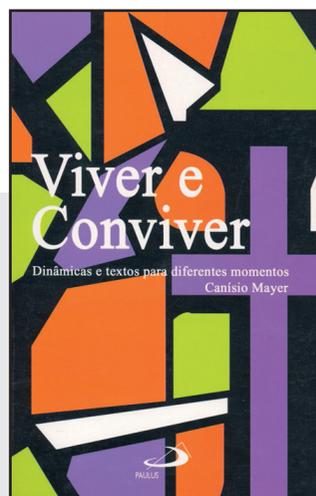
2. NOVA ECONOMIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR E ECOLÓGICA

O papa Francisco insiste numa pedagogia do encontro para a construção de novo pacto socioeconômico. Foi assim que, pedagogicamente, escolheu juventudes, com suas experiências capazes de conectar as inúmeras práticas de novas economias presentes em seu redor. E esse ato de ouvir, conectar e costurar saberes remonta, com profundidade, à educação popular. A preocupação inicial da educação popular é como as pessoas constroem sua visão sobre o mundo e o interpretam. Naturalmente, interpretar a realidade foi o que Francisco, Clara e todos os seus irmãos e irmãs fizeram ao buscarem dissociar-se da

Viver e Conviver

Dinâmicas e textos
para diferentes momentos

Canísio Mayer



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro traz uma série de dinâmicas e textos que podem ser utilizados em diversas atividades educacionais e religiosas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

“A preocupação inicial da educação popular é como as pessoas constroem sua visão sobre o mundo e o interpretam.”



economia de sua época e construir, pedagogicamente, outra experiência econômica de fraternidade.

As propostas da Economia de Francisco e Clara precisam ser enraizadas e interiorizadas nas comunidades, precisam pulsar no mesmo ritmo que as ações pastorais, para que as práticas, fortalecidas, possam representar a sobreposição ao individualismo. Esse objetivo se concretizará apenas com a potencialidade da educação popular e com a urgência da educação ecológica, linhas mestras capazes de romper com o ciclo de perpetuação da negligência egoísta (LS 36), voltando o olhar e as práticas para o comunitário e para o cuidado com a casa comum.

Com base na percepção da realidade para o exercício da autonomia, a educação popular torna claro que somos dependentes, interdependentes ou “terradependentes”. Paulo Freire, na *Pedagogia da autonomia*, chegou a fazer um jogo de palavras para desenhar essa situação: “a autoridade do não eu” (FREIRE, 2019, p. 46). Também dizia ser um “ato comunicante”, porque necessariamente obriga a pessoa a pensar sua ação à luz do Outro e dos valores que garantem que todos sejamos humanos. Certo provérbio africano diz que “há coisas que só podem ser vistas a partir dos olhos de quem chorou”. Essa reflexão incorpora uma máxima à missão da prática pastoral da Economia de Francisco e Clara: construir nova arquitetura econômica “a partir dos olhos de quem chorou” aprofunda uma experiência de democracia participativa própria ao poder popular. Uma educação voltada para evidenciar as experiências coletivas, do resgate da consciência histórica e da promoção de novas ferramentas de economias populares.

A educação popular em economia solidária promove uma vivência comunitária em que o exercício da cooperação reforça a

possibilidade de surgir polos que antagonizem o poder político territorial e fomentem o poder político comunitário. Produzir e partilhar educa para uma familiaridade com a gratuidade e a convivência. O papa Francisco insiste, em sua pedagogia, no sentir-pensar que conecta o saber dos povos. É o saber do camponês, o saber do periférico, o saber do artesão, o saber do empreendedor que conectam, com o pensar, nova maneira de produzir e partilhar. Nesse momento, a doutrina econômica monetária cai e surge uma economia eco-humanista, que se concentra em envolver a criatividade humana de saberes populares, solidários e ecológicos.

A superação da lógica econômica predatória, responsável pela deterioração da qualidade de vida humana e pela degradação social (LS 43), pede de nós a conversão ecológica. Apenas com a transformação do pensamento, que é própria da conversão, transições sistêmicas serão possíveis, freando as consequências mortais do antropocentrismo, em que o ser humano se põe como centro da criação e a sequestra para o bem próprio, sem se preocupar com o planeta e as gerações futuras. Como apontado no documento 105 da CNBB, “a mudança de mentalidade implica mudança de estruturas” (CNBB, 2016, n. 86). A proposta da Economia de Francisco e Clara é de mudança estrutural. Para isso, é essencial a mudança de mentalidades.

Para o resgate do comunitário, é necessária a consciência de uma origem comum, da recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos (LS 202). A convivência de irmãs e irmãos, aliada ao conhecimento dessas premissas, é capaz de desenvolver novas formas relacionais, novas convicções e, principalmente, novas atitudes. Por meio

da educação, tratada no sentido amplo de construção conjunta de conhecimento, é que será possível converter a chamada razão neoliberal, que se dissemina nas práticas sociais e faz que o “normal” seja aquilo que é nocivo às pessoas e ao meio ambiente.

Na construção de outro estilo de vida, o resgate do comunitário emerge junto da preocupação ecológica, direcionando as práticas cotidianas à observância do bem comum. O consumismo obsessivo, que reflete o mecanismo criado pelo mercado (LS 203), dá lugar às práticas territoriais, que ligam as pessoas em seus bairros e cidades, reatando o elo perdido e fortalecendo o comércio local. A apatia perante a crise climática dá lugar à consciência de sermos um, ao louvor à criação, como fez Francisco de Assis, porque se percebe que toda a existência é obra do Deus cuidado, que se manifesta nas criaturas como prova de amor. O egoísmo das pessoas isoladas em suas próprias consciências (LS 204) dá lugar ao afeto, à construção coletiva, ao resgate da soberania de um povo que sabe que detém o poder de direcionar seu futuro. A partir dessas mudanças, a economia que mata, exclui e degrada (FRANCISCO, 2020b) dá lugar à Economia de Francisco e Clara.

3. ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA NO CHÃO DA REALIDADE

Na construção diária e local das experiências, a Economia de Francisco e Clara é impulso gerador de encontro das realidades territoriais. Surge primeiro como diagnóstico da realidade, promove reflexões sobre as inúmeras ferramentas econômicas alternativas e parte para a intervenção com base nos clamores da casa comum. No contexto de imposições de práticas e lógicas que não dialogam com as necessidades do povo, florescem como alternativas a organização territorial, o fortalecimento da soberania popular e o encontro das mais diversas possibilidades econômicas que podem surgir (e já surgem!) das práticas em comunidade.

Engana-se quem entende que trabalhar localmente é limitar, negligenciando mudanças estruturais. Isso porque os lugares “são [...] o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2001, p. 112). Organizações territoriais, portanto, por meio da identificação de pertença entre as pessoas e da consequente organização para efetivação de seus objetivos, são instrumentos de mudança sistêmica. Com efeito, “os territórios tendem a uma compartimentação generalizada, onde se associam e se chocam o movimento geral da sociedade planetária e o movimento particular de cada fração, regional ou local, da sociedade nacional” (SANTOS, 2001, p. 79).

Para superar a economia capitalista neoliberal e todo o afã de interesses econômicos dos bilionários, é necessário retomar o fôlego da crítica à economia política que parte de nova arquitetura da cidadania ativa (BENEVIDES, 1991). O exercício da solidariedade política, que bebe profundamente na espiritualidade do papa Francisco, produz forte apelo em comunidades que desenham o poder popular como promotor de novo protagonismo para a ascensão de políticas públicas. Essa ação quase que autogestionária tem forte apelo também junto aos povos indígenas, pois delinea o caminho de construção do bem viver que se dá na dissociação seletiva do mercado e numa nova cultura política.

Leonardo Boff (2015), ao conceituar o biorregionalismo, aponta que o recorte territorial, “em termos de escala, centra-se na região e na comunidade; em economia, na conservação, na adaptação, na autossuficiência e na cooperação; em política, na descentralização, na subsidiariedade, na participação e na busca do consenso”. É com base no biorregionalismo que se acredita ser possível a construção da Economia de Francisco e Clara. A potência que carrega cada pessoa, afastada do conceito

de economia defendido pelos grandes blocos detentores da dominação financeira, torna-se imprescindível nesse caminhar.

O povo, o coletivo, a energia e o entusiasmo de cada um contam na efetivação das economias transformadoras. Trata-se de recuperar o projeto humanizador de Deus, que está em reconhecer que “a proposta é o Reino de Deus [...]”. À medida que ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180). Isso significa experienciar um encontro verdadeiro com o chão da nossa realidade e construir uma casa verdadeiramente comum, com base nos tijolos da economia, da educação, da ecologia e do ecumenismo. A “fragrância pluralista” possibilita beber da fonte de experiências de luta, de resistência, e tece uma visão eco-humanista. Comunhão que abre no mundo pessoal um caminho de profundidade que “irradia vitalidade e entusiasmo, porque carrega Deus dentro de si. Esse Deus é amor, que, no dizer do poeta Dante, move o céu, todas as estrelas e o nosso próprio coração” (BOFF, 2015).

Nessa perspectiva é que a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC)² passou a gestar o projeto das *Casas de Francisco e Clara*, espaços físicos que, no meio das comunidades, podem fazer ressoar os ideais das novas economias, organizar o povo que quer um mundo novo e melhor e educar para a ecologia integral, tudo isso amparado em espiritualidades plurais e libertadoras. Como forma de enraizar essa proposta, não é necessária a estrutura completa de uma casa, mas apenas um lugar que, materialmente, possa abraçar as potencialidades brotadas nos territórios, a fim de criar pontes entre as experiências emancipadoras existentes e as pessoas que almejam efetivar novas práticas relacionais e economias.

² A ABEFC possui membros em todos os estados do Brasil e iniciou, em 2020, a construção de comissões articuladoras da Economia de Francisco e Clara em cada regional da CNBB. Para mais informações: economiadefrancisco@gmail.com

A Economia de Francisco e Clara concretiza verdadeiras economias de libertação, projetos que sintetizam a práxis e a reelaboração da resistência em décadas neoliberais, com o progressivo avanço do extermínio das vidas periféricas, tanto humanas quanto da natureza. Economias libertadoras propõem que as noções de progresso, desenvolvimento e relação monetária devem passar pela ecologia integral e pela solidariedade política, preconizando o comunitário, as relações internacionais de solidariedade entre os povos, e não o mercado.

Todos, na grande ciranda da Economia de Francisco e Clara, são necessários para esperar um mundo novo. Práticas pessoais, sociais e estruturais são urgentes e imprescindíveis. Em cotidianos atos de amor cósmico (LS 236) emanados de cada um, será possível compreender coletivamente que *tudo está interligado*, que somos corresponsáveis pela criação e pelas gerações futuras. No cuidado com a casa comum, a espiritualidade da solidariedade global, que brota do mistério da Trindade (LS 240), vai nos fazer merecedores de um horizonte de paz, fraternidade e justiça socioambiental. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA. Disponível em: <<http://economiadefranciscoeclara.com.br/>>. Acesso em: 19 out. 2021.
- BENEVIDES, Maria Victória. *Cidadania ativa*. São Paulo: Ática, 1991.
- BOFF, Leonardo. *O biorregionalismo como alternativa para o “bem viver”*. 2015. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniaio/leonardo-boff/o-biorregionalismo-como-alternativa-para-o-bem-viver-1.1195093>>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- CASTELLS, Manuel. *Ruptura: crise da democracia liberal*. São Paulo: Zahar, 2018.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado*

Latino-Americano e do Caribe (DAp). Brasília, DF: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Documentos da CNBB, 105.)

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG)*. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 10 jul. 2021

_____. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT)*. 2020a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

_____. *Laudato Si': Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (LS)*. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

_____. *Carta para o evento "Economy of Francesco"*. 2020b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html>. Acesso em: 19 out. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 62. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

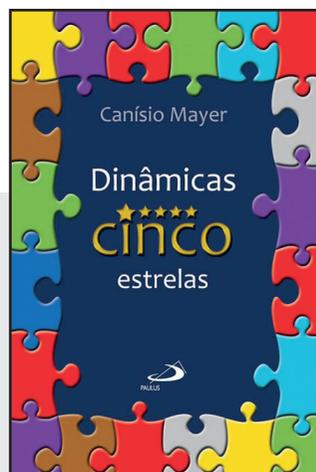
HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. *Declaração: isto não é um manifesto*. São Paulo: N-1, 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Dinâmicas cinco estrelas

Canísio Mayer



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra é um convite à reflexão sobre a vida. São dinâmicas que nos ensinam a silenciar o coração, sermos felizes, ter sonhos e esperança.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

*Mauro Passos é doutor em Ciências da Educação pela Università Pontificia Salesiana de Roma (UPS); pós-doutor em Antropologia da Religião (UFMG); professor e pesquisador do Centro de Estudos da Religião "Pierre Sanchis" da UFMG; presidente do Centro de Estudos do Cristianismo na América Latina (Cehila). E-mail: mauruspax@yahoo.com.br

A educação como desafio: *caminhos e possibilidades*

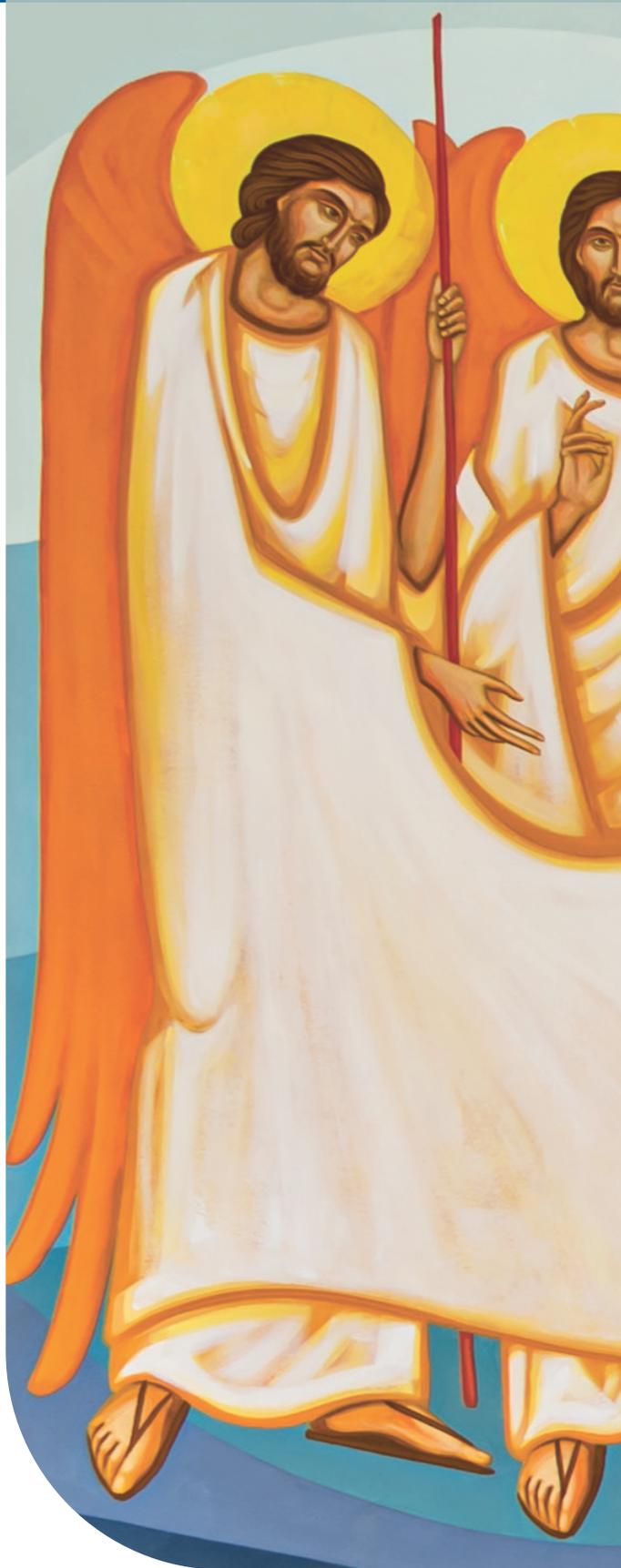
Marco Polo descreve uma ponte,
pedra sobre pedra.

- *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?*
– pergunta Kublai Kan.
- *A ponte não está sustentada por esta ou
aquela pedra* – responde Marco –,
mas pela linha do arco que elas formam.

Kublai permanece silencioso, refletindo.
Depois acrescenta:

- *Por que me falas de pedras? É apenas
o arco que me importa.*
- Polo responde: – *Sem as pedras não
existe o arco.*

(Italo Calvino)





O ser humano carece de educação, ofício que comporta uma série de referências, experiências, desafios e situações. Em um tempo de conflitos e dúvidas, este estudo aborda o significado de formação humana, educação e cultura, bem como os vínculos entre elas. Pontua o papel da educação católica para um projeto de “comunidade de aprendizagem” e, nessa aventura, os problemas, certezas e incertezas.

Introdução

O diálogo de Marco Polo com Kublai Kan mostra que a vida do ser humano passa pela mediação do universo simbólico, da linguagem e do imaginário. Elementos constitutivos do real e produtores de sentido. O silêncio da palavra inaugura a compreensão da linha do arco. Texto e imagem resvalam e se confundem. É um sinal de busca que se move. Assim como não há o arco sem as pedras, a educação seria um discurso vazio se alijada da totalidade social. É necessário, ainda, por um lado, pensá-la a partir da formação e das práticas dos seus atores – o sujeito, a cultura, a religião, o lúdico e a escola –; por outro, pensar a educação implica desvendar os caminhos que marcam os costumes e as tradições do ser humano. Buscar o horizonte é apostar no futuro, no arco do caminho a trilhar. A educação deve retornar ao seu futuro para criar um clima de encontro, reflexão e diálogo e ser, ainda, pensada e vivida como criação de saberes. Mais ainda: um itinerário crítico conjugado com formação, prazer e afeto.



“A educação é um fato da civilização. Uma obra aberta. Educar é tarefa em permanente construção, que se dá nas relações sociais, políticas, religiosas e culturais.”

Educação: um conceito? Um tratado? Os conceitos, particularmente humanos, são variáveis no tempo histórico. Em vez de testar respostas, é melhor entender a educação como um ofício, um exercício crítico de reflexão. Tarefa de uma construção coletiva e humana, envolta em contextos determinados. Longe de tantos *menus* com definições, a educação é um caminho para pensar e olhar para o futuro. Um convite à liberdade e uma introdução à autonomia para o exercício de relacionamentos. A educação é um fato da civilização. Uma obra aberta. Educar é tarefa em permanente construção, que se dá nas relações sociais, políticas, religiosas e culturais. Assim, importa menos discutir um tratado e mais o tipo de ser humano e de sociedade que se projeta (ou se pretende) com o ofício de educar. Trata-se de saber como e em que direção caminhar. Seu conteúdo semântico comporta aspectos cognitivos, políticos, éticos e estéticos.

A primeira parte deste estudo se ocupa das influências da sociedade contemporânea na educação e suas consequências práticas. Educação implica encontro, relação, articulação, valores. Como são construídos, hoje, esses universos, diante dos desafios atuais? Quais as possibilidades ante uma sociedade globalizada? A segunda parte tece algumas considerações sobre os novos caminhos de um projeto educacional católico. Na sua diversidade, vem acontecendo uma mudança na educação católica brasileira, tendo havido uma diferenciação com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e com as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, em

Medellín (1968) e Puebla (1979). Com o Pacto Educativo Global do papa Francisco, esse projeto se renova.

1. Educação: movimento e fatores de mudança

A prática educativa tem uma dimensão de totalidade, pois abarca as diversas dimensões do ser humano: física, intelectual, moral, simbólica, cultural. Por isso, o ser humano faz história, cultura, arte e ciência. Torna-se descobridor, incursiona em diversas dimensões, põe-se a caminho, faz-se sujeito, torna-se humano, atua sobre os meios e instrumentos para a reprodução da vida e ultrapassa os limites do efêmero e do sensível.

O ser humano se educa com base em uma série de situações, referências e experiências de vida. No cruzamento da história com os diversos campos simbólicos, desencadeia-se o contínuo processo de formação entre a permanência e a mudança das tradições, do conhecimento e da política. Importa captar como esse quadro vai mudando as propostas educacionais, pois fazemos parte dos processos culturais que cada sociedade elabora e desenvolve. Cumpre ressaltar as diversas formas de recepção e os resultados que se efetua nas pessoas, nos grupos e nas camadas sociais. Como lembra Max Weber: “As ideias nos chegam quando lhes apraz, e não quando queremos” (WEBER, 1982, p. 16). Neste tempo de rupturas e incertezas, por um lado, a prioridade está formatada nos interesses do mercado, sem que se apresentem regras claras para o desenvolvimento de políticas públicas

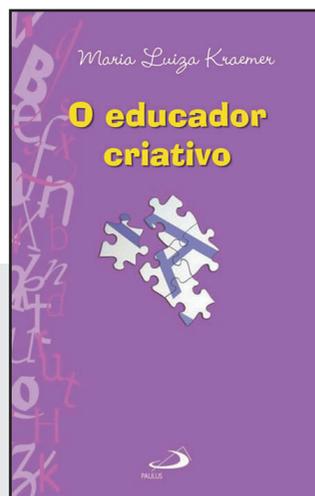
e culturais contra a pobreza, a violência e outros problemas que afrontam a vida; por outro, a liberdade política diminuiu e a violência aumentou. As grandes decisões são tomadas, sempre mais, por um restrito grupo.

Além disso, as transformações no mundo contemporâneo são grandes. É um processo que envolve o mundo todo, em proporções diferentes. Muitas mudanças afetam o meio ambiente, a sociedade, a cultura e as instituições. Outras afetam também as emoções, os comportamentos e a mentalidade, isto é, a forma de explicar e interpretar o mundo. É o caso, por exemplo, da concepção de tempo e espaço. Será que chegamos a um novo período no tempo? As novas gerações tendem a viver só no presente, pois não conseguem enxergar o futuro, que se tornou demasiadamente incerto. No entanto, a falta de referência ao passado compromete a possibilidade de os jovens fazerem projetos e ampliarem seu espírito criativo. Que futuro será construído? Um problema para a juventude, como também para as demais pessoas, é a crise de esperança, com suas possíveis determinações comportamentais negativas.

O espaço era constituído por “lugares” e cada um tinha seu sentido. Eram diferenciados entre si e conjugavam identidade, história e relação (AUGÉ, 1994, p. 53). Hoje o espaço tende a se tornar homogêneo, indiferenciado. A televisão torna tudo igual, com a mesma forma: tudo é “imagem”. E cada um constrói seu mundo fechado e já não se sente ligado a um lugar construído pela dinâmica da história. De acordo com Cássio Eduardo V. Hissa: “Os lugares são produtos da existência – feita dos homens, do seu trabalho, da sua arte e dos significados que encaminham a cada objeto, a cada ser, a cada movimento” (HISSA, 2008, p. 299). As pessoas têm sempre maior dificuldade para distinguir entre o real e o virtual, entre o que é a realidade e a imagem. É também uma sociedade imediatista, que não ensina a desejar para além daquilo que está imediatamente acessível, que desconsidera o “transcendente”,

O educador criativo

María Luiza Kraemer



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra apresenta 18 atividades lúdicas destinadas à Educação Infantil. O livro é uma ferramenta para os educadores trabalharem com os alunos a coordenação motora, a expressão oral, a sequência lógica, a socialização e a atenção.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

o que vai além da experiência concreta. Isso tem uma consequência para a ação educativa – já não ser vista como um processo de formação humana, capaz de dialogar com os valores da civilização e de promover a consciência da sociabilidade, autonomia e criatividade do ser humano. No entanto, cada vez mais a prática pedagógica deve tematizar e analisar as questões e demandas do momento presente – novos saberes, novas competências e novos hábitos. Com isso, a cultura escolar vai adquirindo totalidade de abrangência e se afirmando socialmente.

Hoje, como ontem, é preciso resistir à robotização do ser humano, do tempo e do espaço. Quem possui a chave do futuro? É necessário aprender a olhar. Numa época de grandes transições, surgem novos enfoques em novas linguagens e novos paradigmas. Trata-se de novo calendário no tempo e no espaço. Todo conhecimento é histórico, por isso é o resultado de uma série de contribuições e interesses e, ademais, é um produto social. Uma questão é o caminho que grande parte do conhecimento científico alcançou, desviando-se da construção e preservação da vida. Mais ainda: dois novos paradigmas – a comunicação e o mercado – cruzam-se para gerar uma nova civilização com um desenho homogeneizador, fundado numa racionalidade econômica produtivista e pouco democrática. Isso faz que a razão assuma uma orientação instrumental, segundo o pensamento de Habermas, tendo como consequência a mudança da educação em mercadoria e o empobrecimento cultural (HABERMAS, 1984, p.196). Assim, a educação, particularmente a instituição escolar, não consegue dar conta de seu projeto: criar

espaços de comunicação, formação, conhecimento. Os economistas da educação e do conhecimento científico desenvolvem a teoria da produtividade e incentivam o desenvolvimento de especializações, com objetivos de oferta e procura. A consequência é o enfraquecimento da cultura, a vulgarização e crise da educação, do ensino e da aprendizagem. Como conjugar outros sentidos que não seja o mecanismo da autopropetuação do mercado e seus cúmplices? Como avançar num projeto educativo que ultrapasse a centralização no sujeito individual e formulações com efeito de *marketing*?

Para se salvar das ameaças das novas esfinges (“decifra-me ou devoro-te!”), é preciso analisar, criticar e desvendar as contradições desses fenômenos. Reinventar nova cartografia de ação, aberta ao espaço de diálogo com outros saberes. Novo paradigma poderia orientar as instituições acadêmicas – o paradigma da confiança, do debate, da reflexão e do exercício da solidariedade.

2. Educação católica: reinventar é preciso

O sistema educacional tem a proposta de contribuir para o desenvolvimento pessoal, cultural e social do ser humano, e compete-lhe dar aos estudantes a oportunidade de realizar experiências de aprendizagens ativas, integradas e socializadoras, tendo em conta a adaptação da ação educativa às realidades locais. É possível afirmar que a educação, no ensino fundamental e médio, ajuda os estudantes em seu processo de humanização? Se a concepção cristã tem algo que a concepção laica não tem, onde é que ambas podem se encontrar? A ação educativa é um

“Numa época de grandes transições, surgem novos enfoques em novas linguagens e novos paradigmas.”



ofício plural, pois não faz pouso no verbo “ensinar”. Tem seu olhar no verbo “formar”. Essa é uma questão substantiva – aberta ao diálogo que acolhe, respeita e favorece a dimensão do encontro entre pessoas, grupos e culturas. Ofício duplamente significativo, pois comporta esta questão ampla: educar e formar o ser humano. O papa Francisco afirma, no discurso aos participantes do Seminário “Educação: o Pacto Global”:

Pensar na educação é pensar nas gerações vindouras e no futuro da humanidade [...]. Hoje somos chamados, de vários modos, a renovar e reintegrar o compromisso de todos – pessoas e instituições – na educação, a refazer um novo pacto educativo [...]. É por isso que temos necessidade de integrar os conhecimentos, a cultura, o desporto, a ciência, o entretenimento e a recreação [...]. Forçando um pouco o discurso, ousou dizer que a educação não é eficaz se não souber criar poetas (FRANCISCO, 2020, p. 2-3).

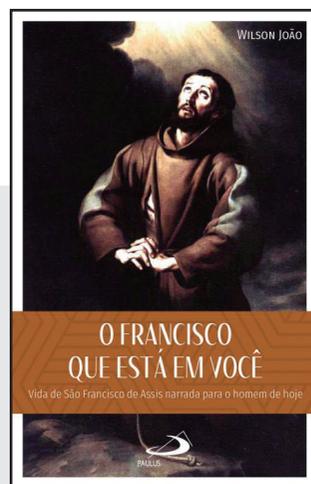
Com esse olhar, Francisco amplia a compreensão da ação educativa e da formação humana, e reitera seu compromisso com os problemas que afligem a humanidade. O diálogo acerca do Pacto Educativo Global abre caminhos para as possibilidades de uma vida diferente, cultivada com respeito e criatividade. Nessa mesma direção, Boaventura de Sousa Santos afirma que o princípio de comunidade é capaz de instaurar uma dialética positiva com participação, solidariedade, capacidade emancipatória e um potencial efetivo para o futuro (SANTOS, 2011).

Por meio das redes escolares, institutos e universidades, a educação católica, em cada período histórico, desempenha seu papel no campo educativo. Nesse caminho, uma série de procedimentos foi sendo desenvolvida, com diversos programas e diferentes formas de ação. Ainda há falhas a serem superadas, no entanto há propostas para a formação

O Francisco que está em você

Vida de São Francisco de Assis narrada para o homem de hoje

Wilson João



136 págs.

Inçgens meiramente - ilustrativas.

Este livro não é apenas a biografia de São Francisco de Assis, mas também um convite para você viver em plenitude a sua fé e o seu amor por Deus e pelos irmãos.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

humana e a construção de uma sociedade fraterna. No Brasil, a educação enfrenta sérios obstáculos e dificuldades, principalmente de ordem econômica, o que compromete as escolas católicas. Uma “pedra no meio do caminho” é a desigualdade social. Além disso, a desvalorização da educação e da profissão docente força os(as) professores(as) a uma sobrecarga de trabalho. Mesmo nessas condições adversas, desempenham com competência e cordialidade seu ofício. A identidade docente é itinerante e é capaz de recriar e romper o limite do provável. Ainda há uma distância entre teoria e prática no sistema educacional. Outro comprometimento: as mudanças governamentais são populistas e imediatistas. Contudo, mesmo com tantos impasses estruturais e diferentes visões de mundo, a educação envolve o ser humano com seu empenho, prática e cuidado.

As ciências tecnológicas influenciam na relação dos seres humanos e controlam seus valores e projetos de vida. Mais que “pátria e mátria”, queremos “frátria”, como modela Caetano Veloso em sua canção *Língua*. Dito de outro modo, a luta que se trava hoje é para que esta nação se torne igualitária, democrática, ética. No que se refere à educação católica, grande contribuição está na recuperação desses vínculos quebrados. Por ser uma educação conjugada com os valores humanos e cristãos, pode colaborar para a formação de ações comunitárias, solidárias e éticas, ainda mais pelo fato de que a vida cristã é objeto de educação (evangelização). O teólogo José Comblin fez um estudo neste sentido (COMBLIN, 1962). A Campanha da Fraternidade de 2022 aborda o tema da educação – convite para repensar o sistema educacional católico e suas práticas. O novo, na situação atual, é entender seu papel, em comunicação com outras instâncias sociais e educativas, outros saberes, e abrir perspectivas para um projeto educativo de qualidade e com boas políticas públicas. Nessa relação está o processo de uma educação integrada, buscando

o caminho da diferença para a construção de nova sociedade e preparando o ser humano para alcançar esse possível futuro com prazer e criatividade. Segundo Paulo Freire: “É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido” (FREIRE, 1996, p. 142).

Quando a instituição escolar repensa sua prática e se abre para novas formulações epistemológicas, autoeduca-se para analisar a complexidade do mundo contemporâneo, pois “educar” é um verbo transitivo, itinerante e dialógico. A formação intelectual densa do “sujeito da educação” é uma obra em andamento, alça-se em diversas incursões da ciência. O currículo do(a) educador(a) confere um sentido à prática educativa. O(A) educador(a) também se educa. Se outras instituições se fortalecem pelo poder, o sistema educacional se fortalece (deveria se fortalecer!) por conhecimento, mudança, articulação e criatividade. O documento da Congregação para a Educação Católica afirma: “Hoje é evidente a necessidade de fazer convergir as iniciativas educativas de investigação com os objetivos do humanismo solidário, conscientes de que não podem ficar dispersos e isolados e, menos ainda, opostos por razões de prestígio ou de poder” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 24). Esse texto recoloca os vínculos entre educação, formação humana e solidariedade. Nós nos constituímos como sujeitos no encontro com o outro. Na diferença.

É na perspectiva de descobertas e de articulação de ideias que se abrem novos percursos para a agenda de um projeto educativo católico. As escolas e universidades católicas têm de se pensar numa perspectiva de futuro. A universidade, seja qual for, tem compromisso com um projeto de nação. Cumpre esse papel quando é espaço privilegiado para a integração da pesquisa com o ensino e para a formação humana e profissional. De acordo

com Ivan Domingues, o melhor modelo de universidade é o que aposta na diversidade e em novas experiências: “É preciso pensar modelos, propostas e projetos diversificados, inclusive regionais” (DOMINGUES, 2013, p. 8). A universidade pode ajudar na formação do ser humano? Mais ainda: dá conta de formar o ser humano? A educação e a formação humana têm a ver com subjetividade, interioridade, sociabilidade, como também com valores, alegria, solidariedade e criatividade. Reaprender a olhar é um desafio para a universidade: “Redescobrir outras formas de pensar além da racionalidade que se esgota devido à sua própria exclusividade” (BUARQUE, 1994, p. 132). Exercício acadêmico intrigante para “se cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”. O horizonte poético da canção *Coração de estudante*, de Wagner Tiso e Milton Nascimento, é um pouso para a reflexão.

Hoje, o projeto de uma educação católica adequada e atualizada, à altura dos tempos, sinaliza um desafio maior na formação do ser humano. Aponta o trabalho de educar para a justiça e a solidariedade, respeitando as diferenças. Deve-se empenhar para que os laços de solidariedade abram caminhos para a construção de um tecido social, político e econômico sem exclusões. Um detalhe: a amplitude dos desafios contemporâneos é um convite a refletir, a consolidar parcerias e a reintegrar o processo educativo (Pacto Global).

Uma preocupação para pensar boa formação humana e religiosa deve ser a de entender a transformação em curso na relação entre pessoa, ciência e sociedade – e, por conseguinte, na socialização; isso, no entanto, sem deixar de dar sentido à vida e buscando trabalhar as dimensões éticas, afetivas e físicas do ser humano.

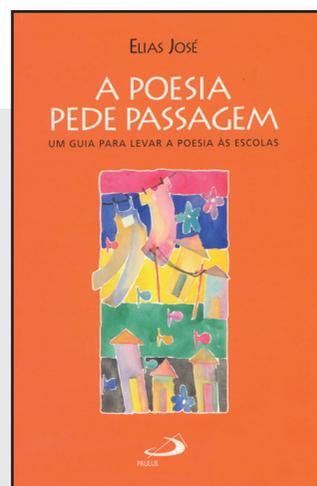
Conclusão

As instituições educativas são atravessadas por conflitos, tensões sociais e políticas. Não são tão simples, nem se desenrolam com

A poesia pede passagem

Um guia para levar a poesia às escolas

Elias José



104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra apresenta dicas importantes para auxiliar os professores no trabalho com a poesia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

mudanças repentinas. A educação não pode ser pensada em si e por si. Deve ser pensada em suas inter-relações com a sociedade, a ciência, a cultura.

Encontramo-nos diante de um desafio: alcançar outro patamar de pensamento e outra forma de formação do ser humano. A questão da educação diz respeito ao todo, à vida, ao ser, ao/à educando(a) e ao/à educador(a). Comporta em seu bojo a sabedoria da maturação histórica e o cultivo de utopias. Evoca outros cenários. Em um de seus poemas, Mia Couto escreve: “Teus braços foram feitos para abraçar horizontes” (COUTO, 2016, p. 67).

Os sofistas fizeram uma revolução cultural na Grécia. Com eles, inicia-se novo movimento na educação. Mudando de lugar e tempo, o campo da ação educativa não se esgota na escola. É uma construção sem paredes. Um desafio para a educação, particularmente a católica, é compartilhar experiências, cultivar a criatividade e forjar solidariedades. E, assim, fertilizar o projeto de uma “comunidade de aprendizagem”, na busca de novo modelo de humanismo. Ensaio difícil e complexo, que põe em evidência dificuldades, problemas, crises diversas e entrecortadas.

Como num “eterno retorno”, ainda há lugar para a criatividade e a solidariedade, pois o futuro pertence a quem tem motivos de esperança. O apelo é para uma formação que comporte uma significação mística, ética, estética e solidária. E, assim, ampliar a legenda da educação: ver, além das pedras, o horizonte. **VP**

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Trento: Mondadori, 1999. p. 83.
- COMBLIN, José. *Educação e fé: os princípios da educação cristã*. São Paulo: Herder, 1962.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*. 16 abr. 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- COUTO, Mia. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DOMINGUES, Ivan. O melhor modelo de universidade é o que aposta na diversidade: entrevista. *Diversa*—Revista da UFMG, n. 20, p. 5-11, abr. 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes no Seminário sobre o tema “Education: the Global Compact”, promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais*. 7 fev. 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HISSA, Cássio E. Viana; MELO, Adriana Ferreira. O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo. In: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- PACHECO, José. *Aprender em comunidade*. São Paulo: SM, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Marcus Mareano*

*Pe. Marcus Mareano é bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Doutor em Teologia Bíblica, com dupla diplomação, pela Faje e pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (KU Leuven). Professor adjunto de Teologia na PUC-MG, também colabora com disciplinas isoladas em diferentes seminários. Desde 2018, é administrador paroquial da paróquia São João Bosco, em Belo Horizonte-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com



Acesse também o programa **Palavra Viva** pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR   que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Esses cantos também podem ser escutados – mediante a busca pelo nome dos respectivos CDs – no próprio *site* da Paulus (paulus.com.br), o qual disponibiliza as partituras.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

2 de março



A novidade que renasce das cinzas

I. INTRODUÇÃO GERAL

Com a liturgia das Cinzas, iniciamos o novo tempo litúrgico da Quaresma. Um período de preparação para a celebração da Páscoa do Senhor, sua paixão, morte e ressurreição. Um caminho espiritual que percorreremos rumo ao cume da cruz e da luz do Ressuscitado.

As leituras convidam ao recolhimento interior e à penitência. A profecia de Joel fala de “rasgar o coração” mais do que as vestes, como sinal dessa atitude interna de atenção ao que é espiritual. O Evangelho propõe a esmola, a oração e o jejum como vias práticas de crescimento na fé em Cristo e de amadurecimento humano. Paulo enfatiza um tempo favorável e propício para a conversão ao amor de Cristo. Iniciar esta nova etapa consiste também em novos propósitos, autorrevisão e disposição para a ação transformadora de Deus.

O rito da missa contém o gesto da imposição das cinzas, acompanhado das palavras: “Convertei-vos e crede no Evangelho” ou “Lembra-te que és pó, e ao pó hás de voltar”. Esse símbolo marca o início deste novo tempo e recorda a condição humana, sempre frágil e sempre convidada a voltar-se para Deus. A Quaresma que se inicia é um itinerário de conversão e reconhecimento de que nada podemos nem somos sem o amor de Deus.

Iniciamos um tempo de conversão do egoísmo e do fechamento para a abertura do coração e a prática da caridade. Abandonamos velhos costumes de vida para melhor adesão à proposta do Evangelho.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jl 2,12-18)

O livro de Joel contém uma liturgia de penitência a ser proclamada para o povo como convite à conversão (Jl 1,2–2,17). Em seguida, temos uma segunda parte, como resposta divina enquanto promessa de restauração do povo (Jl 2,18–4,21).

O trecho da liturgia deste dia se situa nessa primeira seção, de teor penitencial. O Senhor conclama o povo para se voltar para ele “com todo o coração”, quer dizer, inteiramente, pois não adiantaria um retorno meramente de aparências e de costumes

externos apenas. A profecia diz que ele é “compassivo e clemente, lento para ira e rico em bondade” (v. 13), por isso não se deve ter medo de Deus ou envergonhar-se dele, mas apresentar-se confiantemente diante dele, “rasgando o coração”, para que ele cure e salve. Assim, o Senhor não agirá castigando – diferentemente do pensamento vigente, segundo o qual as mazelas que aconteciam eram vingança divina. Sua ação é bênção e paz (v. 14).

Na sequência (v. 15-18), o convite penitencial, que parecia ser individual, mostra-se como coletivo e destinado a todos. O povo é convocado para o jejum (v. 15-16). Os anciãos, os esposos, as crianças devem se reunir para pedir compaixão ao Senhor (v. 17). As diferentes classes de pessoas clamam ao Senhor, e ele responde tendo piedade do seu povo (v. 18).

A profecia de Joel apresenta esse cenário de forte apelo penitencial. Assim, igualmente reunidos na celebração de Cinzas, pomo-nos em oração e jejum, com nossos propósitos de conversão. Não por medo ou vergonha de Deus, mas com confiança em seu amor e em sua misericórdia. Deus responde a nossas penitências com sua misericórdia por nós.

2. II leitura (2Cor 5,20-6,2)

A segunda carta de Paulo aos Coríntios possui um teor de novo entendimento com a comunidade e de autodefesa contra falsas acusações que o apóstolo sofria. O trecho da segunda leitura da liturgia deste dia se situa nesse contexto de conciliação mútua.

Paulo explica o processo pelo qual o amor salvador de Deus toca as vidas humanas. Na função de um “embaixador”, ele exorta a comunidade para a reconciliação com Deus: “Em nome de Cristo, vos suplicamos: reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20).

Em seguida, apresenta a tarefa de Cristo nesse projeto de reconciliação de Deus. Cristo foi feito pecado pela humanidade, para que todos se tornem justiça de Deus. De acordo com Lv 6,17-23, dever-se-ia ofertar um holocausto pelo perdão dos pecados. Então, para Paulo, Jesus assume esse lugar de sacrifício pelo perdão dos pecados.

O Filho de Deus, Jesus Cristo, que se fez semelhante a nós, exceto no pecado (Hb 4,15), assume nossa condição pecadora para redimir nossa humanidade do pecado, por meio de sua existência de obediência e fidelidade a Deus. Assim, podemos, em Cristo, reconciliar-nos com Deus, pois ele foi fiel.

Por fim, repete-se o apelo à reconciliação, para não desconsiderar a graça recebida de Deus. Conforme Is 49,8, Deus escuta e salva seu povo. Portanto, agora é o momento favorável para a experiência de reconciliação com Deus.

A liturgia é esse espaço e tempo de reconciliação. Ouvindo essa exortação de Paulo nos nossos dias, o que nos falta para nos reconciliarmos com Deus? Ele está de braços abertos para nós, como quem ama e espera pela pessoa amada.

3. Evangelho (Mt 6,1-6.16-18)

Essa seção de Mateus (5,1-7,29) apresenta o primeiro dos cinco discursos de Jesus nesse Evangelho. O “novo” ensinamento de Jesus é feito desde a montanha (Mt 5,1), da mesma maneira como o povo de Israel acolheu a aliança com Deus. Outrora falou Moisés, agora Jesus fala ao povo constituído a partir do anúncio do Reino dos céus.

A doutrina de Jesus não é nova ideia inventada por ele, mas constitui nova maneira de compreender o que já era dito pelos antigos mestres da Lei. Jesus assume sua tradição religiosa judaica e apresenta-a de uma forma

mais radical, em sua perspectiva, considerando a profundidade da palavra, e não apenas a letra da norma.

Muitos líderes religiosos daquele tempo (mestres da Lei e fariseus) praticavam seus costumes religiosos para se destacarem aos olhos das outras pessoas. Jesus ensina que as práticas não devem ser para ganhar elogios e fama, e sim para melhorar a relação com Deus e com as pessoas. Portanto, os discípulos deveriam esperar recompensa apenas de Deus (v. 1).

Jesus reinterpreta os pilares da piedade judaica (esmola, oração e jejum) na perspectiva do Reino dos céus. A esmola era um gesto comum entre os judeus, recomendado pelas Escrituras (Tb 4,7-11.16-17; 12,9). Entretanto, Jesus propõe aos discípulos dar esmolas sem que “a mão esquerda saiba o que faz a direita” (v. 3). Tudo deve ser feito sob o olhar amoroso de Deus, agindo como seus filhos e filhas, e irmãos e irmãs uns dos outros. Não se deve buscar a desnecessária aprovação alheia, mas o exercício do amor transbordante de Deus no ser humano.

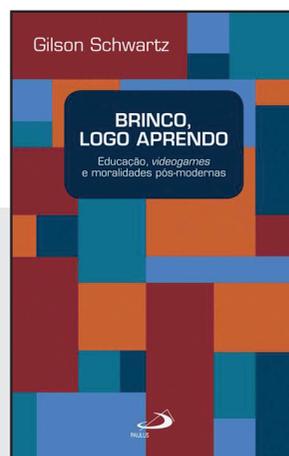
Se a esmola diz respeito à relação de uns com os outros, a oração corresponde à nossa comunicação com Deus. O princípio anterior serve igualmente para a oração. Não se deve orar nos lugares públicos a fim de ganhar prestígio e notoriedade. A oração não é um teatro. Os atos de piedade precisam ser vivenciados sob o olhar amoroso de Deus, nosso Pai. A oração se torna, no ensinamento de Jesus, uma relação de Pai e filho (Mt 14,23; Mc 1,35; 6,46). Por isso, as fórmulas são secundárias e as palavras menos importantes do que a atitude de filiação divina e fraternidade humana.

Por fim, o jejum equipara-se a um cuidado consigo mesmo. Novamente prevalece o princípio de que deve ser praticado para “ser visto” por Deus, e não pelas pessoas. Jesus se opõe à ostentação pública dessa piedade.

Brinco, logo aprendo

Educação, videogames
e moralidades pós-modernas

Gilson Schwartz



344 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra apresenta como os recursos tecnológicos estão cada dia mais presentes na realidade do jovem e propõe a inserção de *games* como recurso pedagógico.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Portanto, o jejum precisa ser feito como verdadeiro exercício de desapego. Como lemos antes: “O Pai, que vê o que está em segredo, te retribuirá” (v. 4.6.18). Jesus critica a hipocrisia dos fariseus, propondo essa atitude livre do espetáculo público.

Enfim, as chamadas “práticas quaresmais” (esmola, oração e jejum) visam à comunhão e à integração do ser humano para que os vínculos de amor possam prevalecer em cada pessoa. O centro delas é a oração, com base na qual as outras ganham maior sentido. A melhor vivência quaresmal implica uma saída de si mesmo para Deus, os irmãos e a criação.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Em que precisamos melhorar no amor e no serviço? Celebrar bem a Quaresma acarreta crescer no amor. Não adiantam práticas de piedade apenas externas, sem serem acompanhadas de uma mudança interna que se traduza em sensibilidade pelas dores do mundo. É tempo para ordenar nossa vida, tendo em vista o projeto de Deus para nós.

Particularmente na Igreja no Brasil, adotamos uma maneira concreta de viver o tempo quaresmal, por meio da Campanha da Fraternidade. A cada ano, os bispos do Brasil escolhem um tema para reflexão, oração e ação. Neste ano, o tema escolhido é “Fraternidade e educação” e o lema “Fala com sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26). Jesus é o Mestre educador que transmite sabedoria com amor. Dessa forma, seus seguidores praticam seus gestos e seu jeito de ser, manifestando sua presença no mundo.

Enfim, as cinzas sobre a cabeça devem despertar em nós a consciência de que todos procedemos do pó. O reconhecimento dessa humilde condição humana nos unifica e quebra toda pretensão de poder, de vaidade e de sobreposição aos outros. Que novos seres humanos, mais solidários, renasçam dessas cinzas!

1º DOMINGO DA QUARESMA

6 de março



Viver a fé nos desertos da vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 1º domingo da Quaresma nos sugere o que deve ser este tempo propício: um deserto para nos fortalecer no combate contra o mal. Assim, recordando, neste tempo litúrgico, os anos de Israel no deserto, de Moisés e Elias no monte e os dias de Jesus no deserto, fortalecemos nossa opção de fé em Deus.

Os textos da liturgia da Palavra deste domingo nos convidam à aventura de confiar em Deus. A primeira leitura lembra a ação de Deus na história do seu povo, a qual faz Israel oferecer agradecido as primícias ao Deus libertador. A segunda leitura destaca a importância da confissão de fé em Jesus como Senhor, pois Deus o ressuscitou dentre os mortos. Finalmente, no Evangelho, Jesus confirma sua fidelidade a Deus e sua adesão ao seu projeto, recusando as seduções de satanás. A fé se apresenta como uma possibilidade de escolha a quem a deseja. Quem crer, experimentará as maravilhas de Deus.

Na Igreja primitiva, a Quaresma era o tempo de preparação para a iniciação cristã (batismo–crisma–Eucaristia). Os neófitos se preparavam longamente, por meio de ensinamentos, penitências, estudos, orações e práticas espirituais diversas. A finalidade era o compromisso com Cristo. De igual modo, somos chamados a renovar nosso comprometimento com Cristo, por meio dos exercícios quaresmais.

A opção por Jesus e seu Evangelho não ocorre apenas uma vez na vida, em algum momento do nosso passado. Ela deve ser contínua, renovada cotidianamente, pois sempre temos diante de nós diferentes possibilidades. Deus é a melhor de nossas escolhas. Como diz uma oração conhecida de Santa Teresa de Jesus: “Quem a Deus tem, nada lhe falta: só Deus basta!”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 26,4-10)

O livro do Deuteronômio se apresenta como um grande discurso que ocorre entre a chegada do povo à fronteira da Terra Prometida e a entrada nela e sua conquista, narradas em Josué e Juízes. É uma despedida de Moisés, com teor de recordação do passado e exortação para o presente.

O trecho da liturgia deste domingo se situa em uma dessas recomendações de Moisés para quando o povo entrar na Terra Prometida. Da mesma forma que os primogênitos humanos e animais pertencem a Deus (Ex 13,11), as primícias do solo devem ser oferecidas ao Senhor (Ex 22,28; 23,19; 34,26; Lv 2,12.14; 23,10-17; Dt 18,4). A leitura narra como deve ser essa oferta na nova terra.

O sacerdote se responsabilizará por receber do povo para levar até o altar do Senhor (v. 4). Em seguida, Israel deverá recordar a própria história, reconhecendo a ação libertadora de Deus. Os v. 5-9 resumem os feitos de Deus no passado, com destaque à libertação da escravidão do Egito.

Recorda-se que os pais eram andarilhos errantes até chegar ao Egito. Depois, esses pais se multiplicaram e se tornaram uma nação forte e numerosa, a ponto de causar ameaças aos egípcios. Por isso, estes os escravizaram, para que não se rebelassem. Então, os israelitas clamaram ao Senhor. Ele

Alfabetizar as crianças na idade certa

Práticas linguísticas

Onaide Schwartz Mendonça /
Olympio Correa Mendonça



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro é recomendado aos professores, aos pais, aos educadores, aos estudantes e a todos os interessados em aprender a ensinar a leitura e a escrita da língua materna.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

agiu, fazendo o povo sair daquela opressão e conduzindo-o a um lugar onde mana leite e mel (v. 5-9). Essa “confissão de fé” se desenvolve por conta da memória do povo e do reconhecimento da atuação de Deus na história.

Os 40 anos passados pelo povo no deserto foram um tempo oportuno para a experiência de fé. Deus se manifesta nos acontecimentos, na vida e na nossa percepção das coisas. Tal como o povo de Israel, olhemos nosso passado e nosso presente como narrativas das maravilhas de Deus realizadas em nosso favor, a fim confessarmos a fé no Senhor.

2. II leitura (Rm 10,8-13)

O texto da carta aos Romanos apresenta o efeito da confissão de fé em Cristo. A passagem se inicia citando Dt 30,14, segundo a qual a Palavra de Deus está próxima, ao alcance de todos (v. 8). Essa Palavra de Deus é pregada por Paulo para gerar a fé entre os ouvintes.

O apóstolo explica que, se alguém confessar Jesus como Senhor e acreditar que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo (v. 9-10). A fé é uma adesão pessoal, desde o interior humano, que se exprime nas palavras e, sobretudo, na nova vida, transformada pela experiência do crente.

Para fundamentar o que disse, Paulo recorre novamente às Escrituras. Dessa vez, ele cita Is 28,16, que diz que quem crê não será enganado. O ato de crer implica confiança, por isso Deus é o único destinatário do nosso movimento de fé. Ele não decepciona.

Por fim, a passagem selecionada para a liturgia deste domingo conclui falando da indistinção entre os que creem no Senhor Jesus. Não há diferença entre judeu e pagão. Todos são salvos pela fé em Cristo, e não por pertencer a uma raça ou classe social (v. 12-13).

Se tínhamos, na primeira leitura, a fé por causa da libertação da escravidão do Egito, vemos, na segunda leitura, a fé decorrente da salvação dada por Deus em Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos. Em ambas as leituras, percebe-se a salvação como ação de Deus na história humana.

3. Evangelho (Lc 4,1-13)

A narrativa do episódio da tentação de Jesus no deserto, texto com o qual se celebra o 1º domingo da Quaresma (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11), ganha particularidades no Evangelho de Lucas.

De início, Jesus é apresentado “pleno do Espírito Santo” (v. 1), como Lucas gosta de destacar também em outras passagens (4,14.18; 10,21; 11,13). Deste modo é que Jesus encara as provações: no Espírito de Deus, revivendo toda a história do seu povo em sua “quaresma” (v. 2).

Jesus experimentou fome no deserto, da mesma forma que os israelitas (Nm 14); no entanto, reconheceu que não se vive apenas de pão (Dt 8,3). Embora o alimento seja necessário, Jesus compreendia que a vontade do Pai era mais importante e nisso ele se sustentava (Jo 4,34).

Em seguida, Jesus olha todos os reinos com os quais o diabo o quer seduzir. Os judeus adoraram o bezerro de ouro no deserto (Ex 32), mas Jesus rejeita aquela proposta e adora apenas o único Deus (Dt 6,13). A fé em Deus é superior às grandezas e honrarias que se poderiam adquirir prostrando-se diante do tentador e o servindo.

Enfim, Jesus sofre a mais refinada tentação: a da filiação divina. O inimigo de Deus sugere: “Se és Filho de Deus, atira-te para baixo” (v. 9). Jesus não tentou a Deus, como o povo no deserto (Sl 95,8-9), mas venceu o tentador no deserto, mostrando sua confiança no Pai e sua fidelidade a ele.

Na narrativa de Lucas, a ordem das tentações difere da de Mateus. Lucas inverte as duas últimas tentações e prefere concluir seu relato em Jerusalém, para onde peregrina Jesus e onde se consuma sua existência humana. Lá será o combate final (Lc 22,3.53), pois o diabo deixou Jesus até um tempo oportuno (v. 13).

Nas duas leituras, ouvimos a fé confessada por meio de palavras. No Evangelho, Jesus vive a fé em Deus no combate contra o mal. Sua relação com o Pai e o conhecimento de sua Palavra colaboraram para Jesus resistir às seduções e manter sua opção pela vontade de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todo 1º domingo da Quaresma, a liturgia nos leva ao deserto. Esse lugar evoca privações, carestias e adversidades. Para as Escrituras, é também memória das proezas de Deus, lugar de escuta de si e de Deus (Os 2,16), e momento privilegiado de renovação da fé.

Comumente, as tentações de Jesus são interpretadas com um teor moralizante. Costuma-se ouvir que Jesus dá o exemplo de fortaleza para nos ajudar a superar nossas tentações cotidianas. Contudo, podemos compreender o episódio do Evangelho deste dia como uma ocasião de discernimento, de oração e solidão, diante do Pai. A confissão de fé se desenvolve a partir dessa experiência.

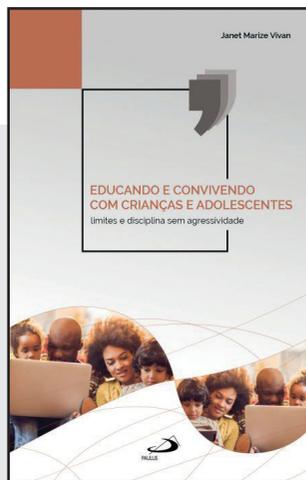
Desse modo, é possível aproveitar este deserto quaresmal para bom confronto interior. Podemos questionar: como viver a própria missão e em qual lugar? Temos buscado o próprio interesse ou o do Pai? Como deveremos atuar? Dominando os outros ou pondo-nos a serviço?

O que livrou Jesus de cair nos enganos do tentador foi sua referência ao Pai e à sua Palavra. Dessa orientação ele receberá o impulso para abandonar o deserto e se deixar conduzir pelo Espírito Santo. A partir desse momento, nos Evangelhos, acompanharemos

Educando e convivendo com crianças e adolescentes

Limites e disciplina sem agressividade

Janet Marize Vivian



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro apresenta relatos sobre as experiências dos adultos, das crianças e dos adolescentes com relação a suas vivências no processo educativo e de aprendizagem. É importante instrumento para a construção de uma prática educacional eficaz.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Jesus caminhando pela Galileia, entrando em relação com o mundo dos pobres e excluídos, anunciando o Reino e vivendo a fé e a confiança no Pai. Então, desse modo, ele abre um horizonte de sentido de vida para todos.

2º DOMINGO DA QUARESMA

13 de março



Transformação em Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

No nosso itinerário quaresmal, subimos ao monte para sermos iluminados por Cristo. A imagem do deserto, do primeiro domingo, ganha luz e transformação neste segundo domingo. O processo de conversão iniciado deve continuar e culminar com a celebração da Páscoa do Senhor.

A promessa de Deus a Abraão e a aliança entre ambos constituem a primeira leitura da liturgia deste dia. No Evangelho, Jesus se transfigura diante dos seus discípulos e lhes antecipa o que será a humanidade glorificada em Cristo. Na segunda leitura, Paulo descreve o contraste entre nossa realidade humana desfigurada e a destinação transfigurada para a qual todos são chamados a partir da fé em Cristo. As leituras ecoam luz e transformação de coisas velhas em novas.

A transfiguração de Jesus lança luzes em nossas trevas pessoais e nas escuridades que vivemos. Pessoas transfiguradas por Cristo contribuem para um mundo menos obscurecido pelas injustiças, desigualdade social, desemprego, fome, desgovernos etc. Ser iluminados exige iluminar, com a luz de Cristo, as realidades necessárias.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 15,5-12.17-18)

Abraão é recordado, em muitas passagens das Escrituras, como o “pai da fé” (Eclo 44,19-21; Mt 3,8; Jo 8,39). Ele recebeu de Deus a promessa de uma descendência numerosa e de uma terra na qual sua posteridade permaneceria para sempre.

A leitura narra um diálogo entre Deus e Abraão, ainda chamado de Abrão (o nome muda em Gn 17,4). Deus o convida a contemplar a quantidade das estrelas no céu. Assim seria o número de seus descendentes (v. 5). Abrão acredita e é considerado justo (v. 6). Uma descendência numerosa era a maneira de manter viva a memória de alguém. Portanto, Deus garante a Abrão ser recordado como exemplo de fidelidade.

Em seguida, Deus revela sua identidade, recordando seus feitos passados: fez Abrão sair de uma terra para conduzi-lo aonde ele se fixará (v. 7). O patriarca interroga sobre como saberia que iria possuir aquela terra (v. 8). O Senhor responde, pedindo a oferta de um sacrifício, que prontamente é preparado (v. 9-12). A relação entre Deus e Abrão é de intimidade, confiança e livre obediência.

A passagem se conclui com a consumação do sacrifício de Abrão e com a aliança entre ele e Deus (v. 17-18). Um compromisso estava selado entre as partes. Abrão confia na promessa e oferece um sacrifício. Deus se agrada de Abrão e sela uma aliança com ele.

A relação entre o ser humano e Deus se constitui com base em uma disposição confiante do ser humano em aventurar-se nos planos divinos. A disposição de fé do patriarca nos inspira a confiarmos nas promessas de Deus e nos dispormos a novos horizontes. Deus é sempre fiel à sua aliança!

2. II leitura (Fl 3,17-4,1)

O capítulo 3 da carta aos Filipenses se caracteriza por uma crítica violenta contra os falsos mestres que pretendiam reintroduzir elementos do judaísmo na comunidade. Paulo considera essa postura um atraso e propõe a dinâmica do Evangelho, cuja força ele próprio experimentou na vida (Fl 3,8-10).

O trecho selecionado para a segunda leitura conclui essa longa recomendação do apóstolo. Ele evoca seu exemplo de compromisso de fé e seu modo de viver (3,17). Em contrapartida, outros se comportam como “inimigos da cruz de Cristo”, e a conduta deles reflete sua maneira de crer (3,18-19). Paulo quer esclarecer os filipenses sobre a beleza de acreditar em Jesus Cristo e mostrar que as antigas instituições judaicas já não fazem sentido.

Então, ele apresenta a nova realidade à qual se destinam os que creem em Cristo. Há uma cidade celeste de onde se espera a vinda do Senhor, que transfigurará esse corpo humilhado e o transformará em um corpo glorificado, a exemplo de Jesus (3,20-21). Paulo comunica o efeito da ressurreição de Cristo nas pessoas, pois acreditamos que, conforme aconteceu com Jesus, também acontecerá conosco. Nossa humanidade será glorificada pela ação do Espírito de Deus.

Enfim, a passagem termina com um convite, animado à perseverança na fé (4,1). Os destinatários daquele tempo se alentavam com a promessa de transfiguração anunciada por Paulo. Para nosso tempo presente, a leitura indica essa realidade espiritual e a promessa do agir do Espírito de Deus em nós até a plenitude, quando seremos semelhantes a Cristo.

3. Evangelho (Lc 9,28b-36)

Um pouco antes de tomar resolutamente o caminho para Jerusalém (Lc 9,51), Jesus reúne seus discípulos e os prepara para os acontecimentos finais: paixão, morte e

ressurreição. A cena se encontra nos outros dois sinóticos (Mc 9,2-10; Mt 17,1-9) e ganha detalhes próprios de Lucas.

Enquanto Marcos apresenta o episódio como uma manifestação do Messias oculto e Mateus sugere Jesus como novo Moisés, Lucas narra a transfiguração como uma experiência pessoal de oração de Jesus, na qual ele entende seu “êxodo” e a consumação da sua vida (v. 31).

Anteriormente, Jesus ensinara a respeito das condições para segui-lo (Lc 9,22-27), e os discípulos parecem precisar de uma confirmação divina. Oito dias depois (9,28a), eles sobem com Jesus para o monte para orar (Lc 9,28; 3,21). Lá, Jesus é transfigurado e suas vestes ganham aspectos transcendentais (v. 29). Moisés e Elias, precursores escatológicos (Mt 3,22-24), aparecem representando a Lei e os Profetas (Lc 24,26-27). As Escrituras atestam o caminho de cruz que Jesus está assumindo.

O assunto da conversa entre os três é o êxodo que se cumprirá em Jerusalém. Como o povo atravessou o deserto para a Terra Prometida, Jesus atravessa a região da Galileia até Jerusalém para sua glorificação (Lc 5,26; 7,16; 24,26). Jesus repete a história do povo de Israel.

Pedro, embora contemple a glória de Jesus, não entende o diálogo e pensa na festa dos Tabernáculos, propondo três tendas (v. 33). Contudo, uma nuvem, símbolo da presença de Deus entre o povo (Ex 24,15-18), aproxima-se deles e declara, da mesma forma que no batismo, que Jesus é o Filho amado de Deus (v. 35; 3,21-22). Por isso, os discípulos devem ouvir atentamente e compreender a nova fase, que compreende o paradoxo da cruz (9,51-19,27).

A cena, com tantas características fabulosas, conclui-se com o silêncio (v. 36). A experiência no monte não constitui uma fruição entusiástica, mas preparação para a dura realidade de incompreensões,

sofrimentos e morte. A ressurreição será a resposta de Deus à entrega confiante do Filho amado.

Como os discípulos e o povo de Israel na travessia do deserto, entramos nesse itinerário de glorificação. Entretanto, a glória de um seguidor de Jesus é sua cruz. Então, nossa Quaresma vai ganhando sentido maior a cada domingo. Desta vez, a partir do êxodo de Jesus até Jerusalém, o qual clareia nosso êxodo até a eternidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Em todo 2º domingo da Quaresma, a liturgia nos convida para subir o monte da transfiguração, a fim de conhecer o mistério mais profundo de Jesus, reconhecer sua identidade de Filho e nos comprometermos a ouvi-lo. Este domingo é também ocasião privilegiada para “olhar-nos” por dentro e descobrir a verdadeira identidade de filhos e filhas no Filho.

Todas as grandes personagens bíblicas (Moisés, Elias...) fizeram sua experiência de monte, pois este é lugar de intimidade com Deus, de escuta e discernimento. De igual modo, Jesus, o homem dos vilarejos da Galileia e das multidões, sabia reservar momentos de solidão e encontro com Deus no monte. Então, a partir daí, a experiência se espalhava e atingia a todos. Ele buscava sentido e força para sua missão a fim de a todos alcançar.

Assim, podemos compreender esse monte também como lugar de encontro com o melhor de nós mesmos. O silêncio da presença de Deus propicia percebermos quem somos nós. Portanto, a transfiguração é também descoberta do “eu profundo”, da própria realidade pessoal e do mistério divino que habita em nós. Nessa manifestação de Deus descobrimos a nós mesmos.

Logo, podemos nos animar com um antigo sermão usado na Liturgia das Horas e lido na festa da Transfiguração: “Para

lá corramos cheios de ardor e de alegria; entremos na nuvem misteriosa, semelhantes a Moisés e Elias, ou Tiago e João. Sê tu também, como Pedro, arrebatado pela divina visão e aparição, transfigurado por esta linda transfiguração, erguido do mundo, separado da terra. Deixa a carne, abandona a criatura e converte-te para o Criador, a quem Pedro, fora de si, diz: ‘Senhor, é bom para nós estarmos aqui’ (Lc 6,33)” (Sermão de Atanásio Sinaíta, séc.VII).

3º DOMINGO DA QUARESMA

20 de março



A paciência de Deus nos convida à conversão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Depois dos episódios da tentação no deserto (primeiro domingo) e da transfiguração (segundo domingo), a liturgia nos recorda a paciência divina, que nos convida à conversão.

A primeira leitura traz o episódio da vocação de Moisés, quando ele se encontra com um fogo que não se consume e ouve a voz de Deus chamando-o para ir liderar o povo de Israel. A primeira carta aos Coríntios lembra os eventos passados do período do êxodo, para que os membros da comunidade não desanimem nem pereçam, como os hebreus naquele tempo. No Evangelho, Jesus olha as tragédias conhecidas por aquelas pessoas como um apelo à transformação de vida.

Assim, o domingo que celebramos pode ser vivenciado como tempo oportuno de mudança de planos, avaliação das escolhas e

tomada de novas decisões. O Senhor nos visita, na Palavra e na Eucaristia, como um fogo que não devora, mas pacientemente nos chama a uma vida nova na comunhão com ele.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 3,1-8a.13-15)

As narrativas da aliança de Deus com seu povo continuam! Se, no domingo passado, liamos o episódio do diálogo de Deus com Abraão, neste domingo a liturgia apresenta a manifestação de Deus a Moisés e seu chamado para liderar o povo rumo à Terra Prometida.

O texto se inicia situando o espaço e a atividade de Moisés, um apascentador de rebanho (v. 1). Ele chega ao Horeb, o monte de Deus, onde encontra um anjo, representante do próprio Senhor, em meio a uma chama de fogo que não se consumia (v. 2). Moisés se admira do fenômeno e investiga aquele acontecimento, perguntando-se o que seria.

Do meio do fogo, Deus chama Moisés, e este responde prontamente: “Eis-me aqui” (v. 4). Aquele lugar onde ocorre a teofania, manifestação divina, torna-se distinto. Por isso, Moisés retira as sandálias dos pés, cobre o rosto (por temor a Deus) e acolhe a mensagem inesperada daquele que lhe era desconhecido.

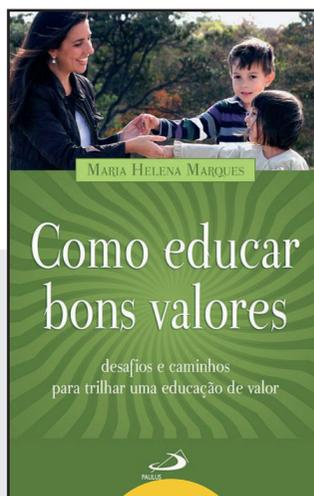
Deus se revela ao seu servo, recordando os antepassados do povo e se mostrando sensível aos seus sofrimentos: “Eu sou o Deus de teus pais...” (v. 6). A história do povo de Israel é a história da relação com o Senhor. Israel se reconhece na fé no Deus único, e Deus se relaciona com seu povo, agindo em sua história. Assim, a passagem utiliza verbos que denotam essa relação. Deus vê, ouve, conhece, desce e faz subir o povo, desde o Egito, até a terra que mana leite e mel (v. 7-8).

Contudo, em nome de quem Moisés iria até os israelitas para liderar a libertação? Deus se mostra então a Moisés não

Como educar bons valores

Desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor

Maria Helena Marques



160 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Esta obra é um manual prático e de reflexão para auxiliar, encorajar e apoiar pais e professores na desafiadora e encantadora arte de educar filhos e alunos.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

apenas como um fogo (v. 2), mas também como uma presença constante, desde o tempo dos antepassados até o momento presente e futuro. Deus responde que esteve, está e estará sempre com seu povo (v. 14-15).

Os v. 13-15 não querem apresentar o nome próprio de Deus. Isso era inconcebível para a cultura de Israel, pois nomear significava apropriar-se do nomeado. A resposta de Deus à pergunta de Moisés – “Qual teu nome?” – representa sua presença constante, acompanhando o povo na história e nos acontecimentos. Ademais, os israelitas invocarão, assim, o Senhor como alguém que age na realidade desde Abraão e para sempre.

2. II leitura (1Cor 10,1-6.10-12)

A comunidade de Corinto era plural e formada por cristãos oriundos, sobretudo, do paganismo. No entanto, nesta passagem da liturgia, Paulo recorda a história do povo de Israel como eventos propedêuticos à nova realidade em Cristo, os quais constituem, assim, um chamado à perseverança.

O trecho se inicia mencionando a nuvem da presença de Deus (Ex 13,21-22) e a travessia do mar (Ex 14,22). Paulo entende esses eventos como um “batismo” em Moisés (v. 1-2). Tratava-se de uma experiência do povo de Israel que constituía aquela gente como povo de Deus a partir da aliança (Ex 19-20), da mesma forma que o batismo cristão conferia à pessoa a dignidade de ser cristão.

Em seguida, Paulo recorda os eventos da água que jorrava da rocha (Ex 17,1-7) e do pão que alimentava o povo no deserto (Ex 16,4-35). Ele os interpreta como se fossem o próprio Cristo a saciar de água e pão os judeus no deserto (v. 4). Mesmo assim, aquelas pessoas pereceram e morreram lá sem entrar na Terra Prometida, pois foram infiéis e reclamavam contra Deus.

Paulo lembra a nuvem e a passagem do mar Vermelho e, em seguida, o maná e a água da rocha como figuras do batismo e da Eucaristia, respectivamente. Ele chama a atenção dos coríntios para que não ocorra com os membros da comunidade o que havia acontecido com os hebreus. Que sirva de exemplo! (v. 6).

A segunda parte da leitura expõe melhor esse apelo à conversão (v. 10-12). O povo murmurou no deserto e pereceu (v. 10). Essas coisas aconteceram para que os coríntios não as repitam e não tenham o mesmo fim. Finalmente, Paulo recomenda que quem estiver de pé na fé cuide-se para não cair (v. 12).

A passagem chama a atenção para o que aconteceu no passado com o povo judeu, de modo que os coríntios ajam de outra forma. Os eventos ocorridos são lições para aprender e não repetir os erros no tempo presente. A mensagem principal da leitura constitui um chamado à mudança de atitude. Que saibamos perseverar nos caminhos do Senhor.

3. Evangelho (Lc 13,1-9)

O trecho do Evangelho deste domingo é um convite à conversão. O ensinamento de Jesus se encontra narrado entre episódios ocorridos naquele tempo, com base nos quais Jesus interpreta a ação de Deus.

O relato se inicia com a informação de que Pilatos mandara matar alguns galileus que apresentavam seus sacrifícios no templo (v. 1). Como podem galileus fiéis piedosos ter um fim trágico dessa maneira? Seria castigo de Deus? Perguntas que se faziam naquele tempo e continuam a ser feitas nos tempos atuais.

A resposta de Jesus exige interpretação dos seus interlocutores. Ele não responde a respeito dos pecados dos falecidos, se são maiores ou menores, mas propõe olhar o evento e compreendê-lo como um apelo à conversão: “Se não vos converterdes...” (v.

3). O fim pode se tornar grande fatalidade, se não encontrar um sentido de existência na comunhão de amor com Deus.

O ensino de Jesus continua com o exemplo de outro acontecimento. Dezoito pessoas morreram na construção da torre de Siloé (v. 4). Será que eram mais culpadas que os outros habitantes de Jerusalém? A resposta segue o mesmo modo da anterior, isto é, como um convite à conversão. Portanto, a morte, seja por acidente, violência ou tragédia, não é um castigo. Deus não é um carrasco punidor! Tais incidentes nos lembram que, para quem não vive com atenção na eternidade, a morte se torna sempre um desastre.

Enfim, na segunda parte do texto, demonstrando a necessidade de produzir frutos na fé, Jesus, por meio de uma parábola, compara os ouvintes a uma figueira estéril (v. 6-9). O homem que procura por frutos representa o Senhor, que espera das pessoas o compromisso com boas obras. Há três anos – tempo do ministério público de Jesus – buscaram-se frutos na videira e nada se encontra. O desfecho é o prazo de mais um ano para que se produzam frutos, ou seja, boas obras na fé.

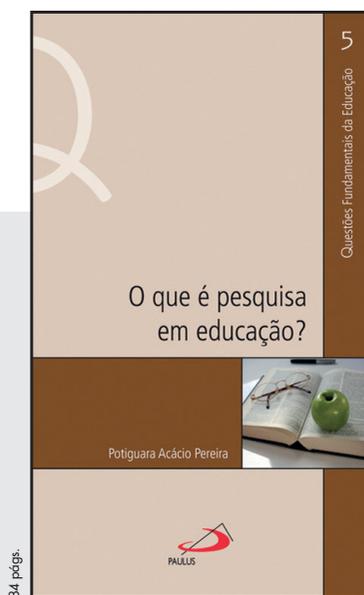
O Evangelho deste domingo menciona eventos trágicos cotidianos para termos uma percepção do apelo de Deus em meio a tudo isso. As catástrofes não são queridas por Deus, mas podem ser entendidas como um sinal de que precisamos melhorar de vida. De igual modo, a recente pandemia não é castigo divino, mas alerta para a necessidade de mudança; e, na mesma linha, o que nos acontece pessoalmente pode ser interpretado como o doce chamado à conversão, para que produzamos bons frutos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na relação com Deus, às vezes duvidamos do seu amor por nós e temos a tentação de atribuir-lhe a responsabilidade por coisas ruins que nos acontecem. Deus não faz o mal, nem age como mereceríamos.

O que é pesquisa em educação?

Potiguara Acácio Pereira



Esta obra é uma orientação para os profissionais da educação. É um guia para os estudos e para as pesquisas, uma contribuição para os educadores que desejam saber mais sobre a importância da pesquisa.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O mal pode ter diferentes origens. Não cabe aqui a discussão filosófico-teológica a respeito desse assunto. Contudo, a liturgia deste dia convida a contemplar a presença de Deus mesmo em meio às adversidades da vida, aos eventos trágicos e aos piores momentos. Ele não nos abandona e, em tudo que nos acontece, pede-nos conversão de vida. Os infortúnios são ocasiões para melhorar o jeito de ser.

A proximidade desse Senhor que por amor nos chama, como chamou Moisés, deve ser motivo de alegria e confiança, não de medo e distanciamento. Ele nos ama e deseja-nos o melhor, por isso permanece conosco e aguarda com benevolência nossa decisão de mudança de vida. Perseverando nessa relação de amor com Deus, a eternidade vai acontecendo em nossa existência temporal, até quando estivermos definitivamente face a face com ele.

4º DOMINGO DA QUARESMA

27 de março



A alegria do encontro com o Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje celebramos o domingo *Laetare*, uma alegria em meio à observância quaresmal. A penitência cristã não é um fim em si mesma, mas deve levar à felicidade e à exultação, frutos do Espírito de Deus. Nosso itinerário quaresmal conduz a uma vida melhor, mais plena e realizada, conforme o Evangelho. Uma penitência que fecha a pessoa em si mesma não é inspirada por Deus.

O episódio da primeira leitura ocorre na Terra Prometida, com o entusiasmo de nova realidade, diferente daquela da escravidão

do Egito. O povo celebra a Páscoa e se alimenta do pão novo dado por Deus. Paulo, na segunda leitura, trata de novidade que acontece na pessoa humana, e não em um lugar. Cristo faz novas todas as coisas, reconciliando-nos com Deus. No Evangelho, temos uma das cenas bíblicas mais conhecidas, o “filho pródigo”, que se alegra por voltar aos braços do pai e tornar a viver.

O tempo quaresmal não pode se caracterizar por tristeza, sofrimento e mera recordação do pecado, pois é celebração da ação misericordiosa de Deus no ser humano. Por isso, haja mais risos do que prantos, mais festejos do que lamentos e mais comunhão e partilha do que isolamento. Deus nos ama e nos perdoa. Ele é a causa da nossa alegria!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Js 5,9a.10-12)

As primeiras leituras dos domingos da Quaresma no Ano C seguem a ordem cronológica da aliança de Deus com o povo. Passamos por Abraão e Moisés e, neste dia, lemos um relato que se passa com Josué na nova terra dada por Deus.

Após a circuncisão dos israelitas em Guilgal (Js 5,2-9), eles finalmente “repousam” no lugar e se instalam definitivamente, gozando do dom de Deus (Js 5,8). Então, o Senhor diz a Josué que livrou Israel da desonra do Egito (v. 9a) e, finalmente, o povo se encontra numa situação digna, conforme a promessa feita aos antepassados. Aqueles que viveram a opressão dos egípcios experimentaram a força libertadora de Deus, mas ficaram no deserto e não desfrutaram do novo lugar. Os que entram na Terra Prometida constituem um povo renovado.

Para recordar as maravilhas de Deus, celebra-se a Páscoa (Ex 12,1-14), desta vez nas planícies de Jericó (v. 10). No dia seguinte à festa, o povo se alimenta do pão e do trigo

do novo lugar, representando as primícias e indicando que os israelitas verdadeiramente se fixaram na terra nova.

O maná, alimento dado por Deus no deserto (Ex 16,35), cessou quando o povo provou dos novos alimentos na Terra Prometida. Portanto, a etapa da travessia fora vencida e já se podia experimentar a realidade nova. Depois de tantas pelezas e provações, os hebreus podiam comemorar a conquista e perceber a fidelidade de Deus a eles.

Na celebração deste domingo, não entramos em nova terra, mas em nova condição, se nos deixamos conduzir por Deus. Adentramos na comunhão com ele por seu amor e perdão. Não se trata de um lugar, mas de uma experiência de fé. A alegria deve ser celebrada sempre.

2. II leitura (2Cor 5,17-21)

O motivo da alegria, na segunda leitura, é a reconciliação com Deus. Se, na primeira leitura, se celebrava por causa da nova terra, no texto aos coríntios se destaca a nova condição humana para quem está em Cristo. Uma realidade renovada se apresenta, superando as coisas antigas (v. 17).

Logo Paulo explica o processo pelo qual o amor salvador de Deus atinge as pessoas. Deus é o autor e o princípio da reconciliação (v. 18), que age por meio de Cristo. O apóstolo exerce seu ministério proclamando essa ação divina nas pessoas que se deixam reconciliar. Ele se diz um “embaixador” de Deus, pois o próprio Senhor o exorta para tal finalidade (v. 19-20). Os ministros da comunidade cristã eram continuadores da missão realizada por Jesus (1Cor 1,17; Rm 10,15).

Por fim, Paulo apresenta o papel de Cristo na obra reconciliadora de Deus (v. 21). Embora Jesus seja reconhecido como sem pecado (Hb 4,15; 1Pd 2,22; Jo 8,46; 1Jo 3,5), torna-se parte da humanidade pecadora para vencer o próprio pecado na sua fidelidade

Caminhos da literatura infantil e juvenil

Dinâmicas e vivências na ação pedagógica

Joana Cavalcanti



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro apresenta soluções para despertar a imaginação, a criatividade e o senso crítico da criança. A obra vai ajudar o educador a incentivar o interesse dos alunos pela leitura.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

ao Pai (v. 19). A palavra “pecado” pode ter, nesse contexto literário, o sentido de “sacrifício pelo pecado” (Lv 4,1-5,13). Sendo assim, Cristo expia, em sua doação de si a Deus e à humanidade, as infidelidades humanas.

A novidade da obra reconciliadora de Deus na pessoa humana não poderia ficar contida. Ela deve ser comunicada e gerar novo modo de viver. Quem experimenta a Boa-nova de Cristo se dispõe a relações humanas mais fraternas, justas e livres. Portanto, nossa alegria não nos isola, mas nos desloca para vivê-la em comunidade.

3. Evangelho (Lc 15,1-3.11-32)

A alegria contida no Evangelho deste domingo se encontra narrada em uma parábola. Lucas tem preferência pelo tema da misericórdia em seu escrito, e o episódio em foco é considerado um dos prediletos por muitas pessoas.

A passagem começa com uma introdução literária para melhor compreensão do que será contado (v. 1-3). De um lado estava Jesus, com seu jeito de ser, de passar pelos lugares e se relacionar com os excluídos da sociedade: coletores de impostos, prostitutas, pecadores, soldados etc. Todos queriam ouvi-lo e acompanhá-lo, pois sua presença agradava, fortalecia, aliviava. Já os fariseus e escribas, estando do “outro lado”, murmuravam como o povo no deserto, odiavam Jesus até a morte e tramavam uma maneira de eliminá-lo.

A parábola que Jesus conta é a de um pai com dois filhos (v. 11). O mais jovem dos filhos se aproximou e pediu-lhe sua parte na herança. Conforme o costume judaico, o filho mais velho ficaria com os direitos da casa paterna (propriedades, bens etc.), enquanto os mais jovens receberiam uma porção menor e teriam de se arranjar fora de casa. O pai assim fez, e o filho partiu

para uma terra distante, aventurando-se na sorte (v. 13). Ele se entusiasmou com aquela possibilidade e foi esbanjando todo o dinheiro.

O tempo foi passando, veio a fome à região em que o filho mais jovem habitava, e ele passou por privações (v. 14). Desesperado, para não morrer de fome, empregou-se como criador de porcos. No entanto, a carestia era tanta, que nem sequer conseguia comer os alimentos dos animais. Em meio à angústia e à desolação, momento favorável para bons questionamentos, o filho cai em si, pensa mais seriamente sobre o sentido da vida e em alguma solução que poderia adotar. Então, recorda-se da casa do pai, onde os empregados comiam com fartura, e decide voltar, para ser tratado ao menos como um desses empregados (v. 18-20). Já seria uma situação de maior dignidade do que aquela em que ele se encontrava.

O filho ainda estava longe quando o pai o viu. Este correu ao seu encontro, encheu-se de compaixão e cobriu-o de beijos. De acordo com o que pensara, o filho que retornava para casa faz sua confissão de pecado contra Deus e contra o pai e pede que seja tratado como um empregado (v. 21). Surpreendentemente, o pai não age como o esperado, com punições ou revolta contra o filho, mas o trata com honras (melhor túnica, anel nos dedos e sandália nos pés) e manda preparar uma festa, porque o filho estava morto e voltou a viver (v. 24).

O filho mais velho surge na narrativa contrariado com o que estava se passando. Ele trabalhava no campo e ouviu as músicas e a agitação de festa quando se aproximou de casa. Conforme lemos: ele ficou com muita raiva e não queria entrar; seu pai saiu para pedir que entrasse na festa (v. 28). O filho mais velho resistia ao apelo paterno e se vangloriava porque trabalhava havia muito tempo com o pai, fazendo economia, sem

nunca o ter desrespeitado em nada, e ainda assim nunca tivera um cabrito para festejar com os amigos (v. 29).

A parábola se encerra com a atitude do pai (v. 31-32). Ele não se zanga com o filho mais velho, nem discute com ele. Prefere sublinhar sua relação íntima e única com os filhos, ora o mais novo (v. 20-22), ora o mais velho (v. 31). O pai continua paciente e benevolente, mas, ao mesmo tempo, não cede em nada. Diz ser preciso festejar e alegrar-se.

É evidente a alegria da acolhida pelo retorno do filho mais novo, apesar de o mais velho não compreender bem. Embora haja inúmeros detalhes do texto a destacar, a mensagem do Evangelho é a misericórdia de Deus e a alegria que ela provoca.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Neste domingo da alegria, cabe destacar esse aspecto da fé cristã e aproveitar as leituras para proclamar que Deus se alegra conosco, como o pai da parábola. Muitas vezes, o discurso cristão se fixa nas exigências e na severidade, esquecendo-se da beleza e do júbilo – valores estes que não são pretexto para descompromissos.

A Eucaristia pode ser pensada como grande banquete preparado por Deus para nós. Somos filhos e filhas que nos distraímos do amor, tomamos descaminhos, experimentamos desamores e sempre temos mais uma chance para retornar aos braços do Pai. Ele não nos pune, mas se dispõe a nos encontrar, acolhe-nos em seu abraço e festeja o retorno. Celebremos com alegria a misericórdia de Deus por nós todos e não nos fechemos, enciumados ou preocupados com tantas tarefas. A festa é disposta a quem deseja se saciar do corpo e sangue de Cristo.

Assim como nos alegramos, comuniquemos aos outros o que festejamos. Há muitos entristecidos e abatidos por diversas razões. A alegria do Evangelho deve ser transmitida a quem precisa.



Contemplando a realidade na perspectiva de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Já nos aproximamos da semana mais importante do ano litúrgico. Os textos deste domingo nos recomendam deixar as coisas passadas e acolher o novo que Deus nos dá. Uma atitude de fé em que novos horizontes, maiores e melhores, surgem com a ação divina.

A primeira leitura fala da libertação ocorrida no passado e mostra que Deus está para realizar algo melhor, superior ao que se recorda como tempo glorioso de Israel. Paulo reflete, na segunda leitura, a respeito da própria experiência de considerar a vida de perseguidor da Igreja como um nada diante da meta da ressurreição, que ele persegue. No Evangelho, lemos a cena da adúltera perdoada por Jesus, uma história de vida ressurgida na misericórdia oferecida por ele a partir daquele encontro.

Portanto, celebremos a novidade de Deus em nossa vida e em nosso meio. Já é tempo de contemplar, de novas maneiras, o que temos visto com frequência. Deixemo-nos surpreender com o que desponta no mistério deste domingo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 43,16-21)

Na altura em que essas palavras do livro de Isaías foram escritas, o povo de Israel se encontrava em uma situação muito difícil. Jerusalém, o centro cultural e religioso, fora destruída e grande parte da população fora

deportada e forçada a viver no exílio (587 a.C.-538 a.C.). O antigo reino se tornara pequena e insignificante parte do Império Babilônico.

O trecho da primeira leitura recorda a antiga experiência, bem anterior ao exílio, do cativo no Egito. Foi Deus quem abriu um caminho no mar para que o povo passasse e superasse os perseguidores, destruídos nas águas (v. 16-17; Ex 14,21-29). Contudo, esses feitos grandiosos do passado serão pequenos diante do que está para acontecer com os judeus. Deus promete fazer coisas novas, e elas já estão despontando (v. 19). A passagem desperta a esperança dos ouvintes e os convida a contemplar a realidade, na qual Deus continua a agir como outrora.

O passado glorioso de Israel causava nostalgia nos exilados, em vista da situação em que se encontravam. Então, a profecia fala de um caminho novo no deserto, rios em lugares ermos e feras selvagens louvando o Senhor (v. 19-20). A novidade que se realiza em meio ao sofrimento supera as primeiras experiências do povo com Deus.

Enfim, da mesma maneira que a travessia do mar Vermelho serviu de referência para aquela gente se tornar povo de Deus, a experiência de restauração, como “novo êxodo”, constitui novo povo, formado para o louvor de Deus (v. 21). As pelejas do exílio preparam a glória que há de vir para os judeus.

As adversidades são ocasiões oportunas para acolher a novidade de Deus. Ele sempre está a fazer coisas novas, para que olhemos o presente mais do que o passado e contemplemos o que desponta.

2. II leitura (Fl 3,8-14)

Conforme já falamos no roteiro para o 2º domingo da Quaresma, o capítulo 3 da carta aos Filipenses se caracteriza pela crítica violenta contra os falsos

mestres que pretendiam reintroduzir elementos do judaísmo na comunidade. O apóstolo evoca a própria experiência para confrontar aquela gente, apegada às instituições antigas. Paulo foi rigoroso cumpridor das normas e se tornou ardente evangelizador.

O trecho da leitura se inicia com a afirmação do autor de que considera as coisas antigas como perda diante do bem mais precioso que ele encontrou: o conhecimento de (relação com) Cristo (v. 8; 1Cor 15,45; 2Cor 3,17). Não é desprezo pelo passado ou fingimento, como se aquele não existisse, mas enaltecimento do presente e do futuro novos a partir de Cristo. Se antes Paulo se apoiava na observância da Lei mosaica, agora se sustenta na fé em Cristo (v. 9).

Continuando a narrar a própria experiência, Paulo destaca a força da ressurreição de Cristo, experimentada no seu processo pessoal (v. 10; At 9,3-9). Essa força o impulsiona a seguir adiante, a fim de alcançar a ressurreição dos mortos (v. 11). Ele reconhece não ter se aproximado da meta ainda (v. 12), contudo prossegue firmemente, porque Jesus o alcançou primeiro no caminho de Damasco. Enquanto o apóstolo se empenha em prol de um objetivo, o Senhor se antecipa para guiá-lo adiante.

Por fim, os versículos seguintes (v. 13-14) retomam a ideia inicial de se importar menos com o passado e avançar adiante. A metáfora da corrida e do prêmio está subjacente na mensagem de Paulo. Entretanto, ele pensa além, na realidade transcendente, na eternidade da comunhão com Deus em Cristo. A meta não é uma recompensa material ou um *status* social, mas um prosseguimento espiritual até o fim.

Podemos encontrar diferentes paralelos entre o testemunho de Paulo acerca de si e nossa vida pessoal. No entanto, todos nos assemelhamos nessa experiência de fé pelo

encontro com Cristo, pela transformação que ele provoca em nossa vida e pelo propósito de seguir até o fim. Ninguém julgue ter alcançado a meta, sigamos firmes para a eternidade.

3. Evangelho (Jo 8,1-11)

A cena do Evangelho deste domingo foi inicialmente transmitida fora do Evangelho de João e mais tarde integrada nele. Ela interrompe a coerência entre Jo 7,37-52 e 8,12. A mensagem corresponde mais ao gosto lucano do que ao joanino, mas encontra certa coerência com a teologia do Quarto Evangelho.

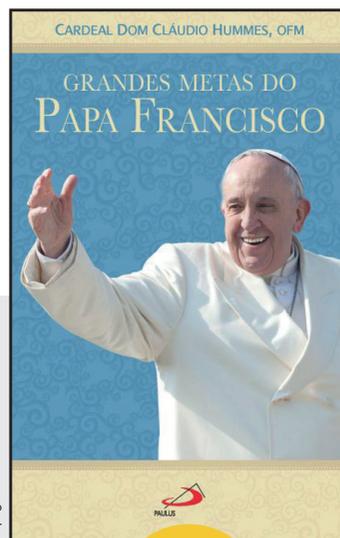
O lugar de ocorrência do episódio é o templo, onde o povo se reunia ao redor de Jesus para aprender seus ensinamentos (v. 2). Ele passara a noite no monte das Oliveiras, lugar de encontro com Deus na oração e de discernimento (v. 1; Mc 13,3; Lc 22,39). Então, os escribas e os fariseus trazem uma mulher apanhada em adultério e colocam-na no meio de todos. Ela se torna o centro das atenções e gera uma expectativa pela atitude do mestre Jesus. O que haveria de fazer?

Os religiosos judaicos, escribas e fariseus, anunciam a acusação contra a mulher. Ela foi flagrada cometendo adultério, e Moisés, na Lei, ordena apedrejar tais mulheres (Lv 20,10; Dt 22,22-24). A referência à Lei é usada como forma de julgamento e condenação da mulher. Por isso provocam Jesus, querendo que ele declare algo. Era uma armadilha para terem mais motivos para opor-se a ele e levá-lo à prisão.

Jesus reage com a paciência e a sabedoria de um sábio, superior ao fechamento de mente deles (v. 7). Escreve no chão, com o dedo, coisas escritas no pó, que o vento leva logo. Entretanto, também ensina de forma consistente, para ficar na memória de todos os presentes. “Quem dentre vocês não tiver pecado atire a primeira

Grandes metas do Papa Francisco

Cardeal Dom Cláudio Hummes



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra lembra e expõe, de forma breve, as principais metas do pontificado do papa Francisco.

É uma homenagem ao seu aniversário de 80 anos.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

pedra!”, exclamou, com força, Jesus (v. 7). E continuou a escrever no chão coisas não sabidas.

A reação dos ouvintes foi saírem pouco a pouco, a começar pelos mais velhos (v. 9). A mensagem ensinada pelo Mestre era clara. Quanto mais velho, mais pecado acumulado e, no caso dos escribas e fariseus, maior aptidão para a condenação por apedrejamento. Eles desistem do apedrejamento.

Jesus fica sozinho com a mulher no meio. Ele se põe de pé, como um profeta ou um juiz a proclamar uma sentença (v. 10). Questiona, primeiramente, onde estavam os que a condenavam. Eles fugiram! Então Jesus declara: “Eu também não te condeno. Vai e, de agora em diante, não peques mais” (v. 11). O medo da mulher se converteu na alegria de uma vida nova a partir daquele novo ensinamento. A determinação do juiz foi a misericórdia e a liberdade no amor de Deus.

Há um contraste entre o gesto de Jesus e o daqueles escribas e fariseus. Jesus sozinho age com a justiça divina, com o perdão restaurador de Deus, que produz vida nova no ser humano. Os escribas e fariseus só entendiam da letra da Lei e se achavam melhores do que a pecadora por esse motivo. Por fim, as surpresas da passagem: quem peca ganha nova chance pelo perdão, e Deus não é um juiz carrasco, mas Pai misericordioso.

O julgamento de Jesus não foi uma reação proporcional ao erro cometido pela mulher. De igual modo, o agir de Deus em relação a nós não se equipara ao nosso merecimento. Ele procede de forma muito melhor do que imaginamos e nos surpreende com seu amor e misericórdia, dando-nos mais do que aquilo de que somos dignos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Felizmente, muitos de nós não experimentamos as circunstâncias difíceis enfrentadas pelo povo judeu no exílio, por Paulo, no primeiro

século, ou pela adúltera prestes a ser condenada. No entanto, esses relatos nos ajudam a enfrentar as grandes e pequenas dificuldades da vida cotidiana. Podem existir momentos em que sentimos que nossa vida, nossa sociedade ou nosso planeta estão em ruínas.

Nada se compara com a grandiosidade do amor de Deus por nós, manifestado em Cristo. Nessa ótica, nenhuma circunstância difícil supera o agir divino por nós. Por isso, confiantemente, olhamos mais para o presente do que para o passado e aguardamos o futuro a que a fé nos faz aspirar. O novo de Deus já se realiza entre nós.

Os roteiros homiléticos do domingo de Ramos e do Tríduo Pascal (Ceia do Senhor, Paixão do Senhor e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista.



DOMINGO DA PÁSCOA

17 de abril



Vejam e creiam

I. INTRODUÇÃO GERAL

O primeiro dia da semana se repete a cada semana e traz a grande mensagem de Deus para a humanidade: a morte foi vencida. Cristo ressuscitou! Tudo se faz novo! A Páscoa celebrada hoje e recordada a cada domingo (páscoa semanal) é o cumprimento da salvação de Deus em Cristo Jesus.

A exultação pelo evento se encontra em todas as leituras e gestos. A assembleia pode fazer a experiência de passar da morte para a vida na ressurreição de Jesus. Com isso, cantamos com o salmista: “Este é o dia que o Senhor fez para nós! Alegremo-nos e nele exultemos!” (Sl 117,24). Nosso ser deve se rejubilar com tamanha novidade.

A solenidade da Vigília Pascal, na noite anterior, continua a ecoar nos próximos dias. A celebração da ressurreição de Jesus é também a da nossa ressurreição nele. Somos renovados pela força desse mistério em nós. Passamos da tristeza para a alegria, das trevas para a luz, da morte para a vida.

A noite já se passou e tudo se faz dia em brados de “aleluia”. O caminho em direção ao túmulo representa a coragem de atravessar o escuro e encarar a morte para ver resplandecer nova aurora em uma vida ressuscitada. A morte foi vencida pela ação de Deus!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura (At 10,34-37-43)

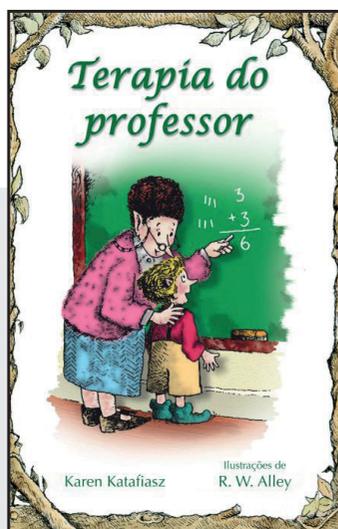
O texto da primeira leitura apresenta o discurso de Pedro na casa de Cornélio. A cena se situa nas narrativas a respeito da atuação de Pedro na Palestina (9,1–11,18). O percurso da mensagem cristã, anunciado em At 1,8, prevê a expansão da pregação dos discípulos para a Samaria (At 8–12) e sua chegada até os confins da terra (Roma: At 21–28).

O conteúdo da pregação de Pedro é o querigma cristão, um resumo do que se lê nos Evangelhos, a saber: depois de ser batizado por João, Jesus pregou o Reino de Deus a partir da Galileia; foi morto na cruz em Jerusalém; entretanto, Deus o ressuscitou dentre os mortos e então ele apareceu às testemunhas, para que o proclamassem como o “juiz” designado por Deus para os povos (v. 37–42). O que antes era dirigido aos judeus (2,14–36) agora chega também a outros povos por meio de Pedro e – posteriormente, na narrativa de Atos dos Apóstolos – por meio de Paulo, que será o grande responsável pela pregação entre os pagãos.

Os primeiros cristãos se fixavam nessa mensagem essencial da fé para transmiti-la aos outros. Entretanto, ela não consistia em um conjunto de ideias a respeito de alguém; o querigma era, sobretudo, uma experiência de fé com o Senhor vivo. Essa proclamação

Terapia do professor

Karen Katafiasz



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Com palavras sábias e ilustrações encantadoras, este livro de bolso renovará seu espírito e seu entusiasmo em ensinar!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

atravessou os séculos e chegou até nós para que continuemos, com entusiasmo e disposição, o que lemos sobre os primeiros cristãos.

Da mesma forma que Pedro considerou o ambiente e as pessoas para transmitir sua mensagem, podemos atualizar o querigma para os novos tempos, contextos e desafios, considerando seu conteúdo central, que se transmite desde o início da fé apostólica. Como propõe o papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa (EG 35).

Assim, o Evangelho percorrerá mais lugares distantes e chegará a mais pessoas que vivem à espera dessa palavra de ressurreição.

2. II leitura (Cl 3,1-4)

O trecho da carta aos Colossenses evidencia a força da ressurreição de Jesus na vida pessoal. Lemos uma exortação para vivermos a vida verdadeira escondida em Deus, a qual ainda se manifestará.

Quem experimenta o Ressuscitado se torna nova criatura, busca as coisas do alto, onde Cristo está, à direita de Deus (v. 1). Jesus não fingiu ser humano nem, depois, abandonou a humanidade; ele a assumiu até o fim. Portanto, a espécie humana é ressuscitada com Cristo e está à direita (lugar de honra) de Deus. Além de dignidade, essa condição nos confere a responsabilidade de vivermos conforme esse novo estado em Cristo.

A experiência com o Ressuscitado gera vida nova, de forma que as preocupações terrenas, comuns a todas as pessoas, tornam-se

secundárias. Afinal, o encontro com Cristo vivo muda os valores, e ele passa a ser o maior de todos os bens e o centro de todas as coisas. É desta forma que Paulo narra sua própria experiência com Jesus: “Tudo considero como perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fl 3,8).

Enfim, vivemos na expectativa da manifestação definitiva da glória de Deus (3,4; 1Jo 3,2; 1Cor 5,6-8), a partir da qual a ressurreição que experimentamos será plena em nós e em toda a criação. O mistério que experimentamos por meio da fé vai crescendo e gerando vida nova continuamente.

3. Evangelho (Jo 20,1-9)

No texto do Evangelho, lemos a busca de Maria Madalena por Jesus. Possivelmente, ela foi a primeira a ir chorar no sepulcro, desconsolada pela morte do seu Senhor. Encontrava-se no luto, em tormento pela perda e sem horizonte. Estava viva fisiologicamente, mas decepcionada e morta por dentro, pois sua esperança morrera com Jesus. Ela parte no escuro do primeiro dia da semana (v. 1).

Maria vê a pedra do sepulcro removida, corre para a comunidade e narra esse evento a Simão Pedro e ao discípulo amado (v. 2). Imaginava que alguém tirara o defunto sepultado. Os dois discípulos saem para verificar a veracidade do que fora contado e encontram as faixas e o sudário que envolviam o corpo de Jesus (v. 6-7); portanto, o ocorrido não seria obra de um vândalo ou de um ladrão.

O evangelista nota que o discípulo amado “viu e creu” (v. 8), dois verbos preciosos no Quarto Evangelho que dizem respeito à experiência de fé gerada pelo encontro com Jesus (1,46). Observamos outras ocorrências dessa combinação, que expressa a geração da fé a partir de um encontro: Natanael (1,50); os discípulos em Caná (2,11); os romeiros de Jerusalém (2,23-25); o funcionário

real (4,48); os galileus (6,2.14); o cego de nascença (9,37-38); Tomé (20,29). Contrariamente, ainda há a possibilidade de ver e não crer (Jo 6,36), e de nem sequer ver os sinais (6,26).

Nesse episódio, fica subentendido que o discípulo compreende o que a cena comunica: Jesus não está ali. Não encontramos o Ressuscitado amarrado no sepulcro, mas na vida cotidiana e nas pessoas. O sepulcro vazio não prova que Jesus ressuscitou, mas sugere que ele não se encontra entre os mortos. Jesus não permanece no lugar da morte, mas é transformado por Deus em nova realidade glorificada. O episódio se conclui sem o encontro e o reconhecimento do Senhor ressuscitado, evento que se narra na sequência do Evangelho (20,11ss).

Nas noites atuais de nossa vida, pensamos já não haver esperança, como quando Maria Madalena foi ao sepulcro. Sobretudo quando nos damos conta de tantas más notícias, crises diferentes e poucas perspectivas. É preciso coragem para atravessar e aguardar a aurora!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

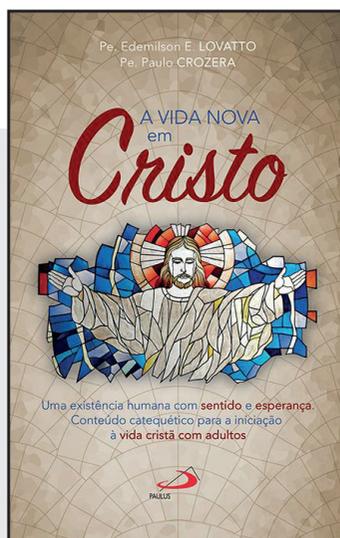
O Senhor não abandona seus seguidores. O que parece fim se torna reinício surpreendente por causa da ação de Deus, que inaugura novo tempo. A surpresa de Madalena não se retém nela, mas a impele a ir aos outros que passavam por situação semelhante e aguardavam algo após a morte de Jesus.

A incógnita sobre o sepulcro vazio não é respondida no episódio do Evangelho deste domingo. Sabemos o que aconteceu posteriormente por causa dos relatos de João (aparição a Maria Madalena – 20,11-18 – e aos onze – 20,19-23). No entanto, a dúvida sobre o que aconteceu é substituída pela certeza de que Deus, de alguma maneira, agiu surpreendentemente, conforme prometera. Portanto, alguma novidade surgiria e começava a despontar, como o sol nascente.

A vida nova em Cristo

Uma existência humana com sentido e esperança. Conteúdo catequético para a iniciação à vida cristã com adultos

Padre Edemilson E. Lovatto /
Padre Paulo Crozera



288 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra é um roteiro para iniciar os adultos à vida cristã, tendo a Bíblia como eixo principal e fonte de sua inspiração.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Temos tendência a nos entristecermos com os acontecimentos (as sombras da morte) que nos rodeiam. Notícias tristes, crises diferentes, injustiças, maldades de diversos tipos etc. fazem-nos perceber demasiadamente a morte, que nos paralisa a ação e nos inibe de sonhar com um futuro melhor. O Ressuscitado nos conduz na sua luz, para acreditarmos na vida presente em nós e entre nós, pois ele vive.

Que as noites não nos roubem a fé e a esperança no Senhor. Percebamos a novidade de Deus surgindo em meio a nós, nas mínimas coisas do cotidiano, na simplicidade de pessoas com quem encontramos e na relação que cultivamos com Deus. A luz da ressurreição dissipa nossas escuridões e, a partir de nós, as do mundo inteiro.

2º DOMINGO DA PÁSCOA

24 de abril



Jesus no meio de nós

I. INTRODUÇÃO GERAL

Imaginemos como os discípulos se encontravam após a morte do Mestre Jesus! Eles tinham aprendido de Jesus, convivido, testemunhado muitas coisas e, de repente, tudo parecia terminar com uma morte de cruz: expectativas, sonhos, projetos etc. Entretanto, a morte é vencida e Jesus surpreende seus amigos em uma visita inusitada.

Os “ecos” da celebração da Vigília Pascal continuam. A proclamação da ressurreição acontece, neste domingo, com a cena do encontro de Jesus com os discípulos, quando estavam reunidos a portas fechadas, por medo dos judeus. O episódio faz-nos pensar nos tantos fechamentos internos que

possuímos, nos medos obscuros que nos atormentam e nas ameaças que imaginamos. A visita do Senhor transforma os receios em alegria indescritível.

Se já não tocamos o Senhor na materialidade, como os discípulos foram convidados a fazer, podemos tocá-lo na experiência de fé, por meio da liturgia. A oração ultrapassa o espaço e o tempo e, assim, participamos do mistério que ouvimos na Palavra de Deus.

Além de nos ritos litúrgicos, encontramos-nos com Cristo em tantos irmãos e irmãs que refletem essa ressurreição para nós. Podemos deparar com essa presença em nosso meio e ser, de igual modo, portadores de ressurreição por onde formos e com quem encontrarmos. Assim, a ressurreição vai se realizando entre nós.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 5,12-16)

A primeira leitura traz o terceiro dos três relatos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16) do ideal da vida cristã no princípio da nossa era, o qual ainda serve de parâmetro para nós, na atualidade. Esses textos apresentam-se como “sumários” na narrativa de Atos dos Apóstolos, para demonstrar o crescimento e a identidade dos cristãos, os quais, naquele período, eram um grupo minoritário no Império Romano.

O relato da leitura se centra nos prodígios realizados por meio dos apóstolos. Eles ainda se reuniam no templo (v. 12), mas se distinguiam das outras pessoas pela maneira de viver (v. 13). Por isso, muitos homens e mulheres aderiam à sua mensagem (v. 14), entre os quais estrangeiros e enfermos, que recorriam a Pedro e aos discípulos para serem curados. O mandato de Jesus estava se cumprindo por meio daquelas ações (Lc 10,9; Mc 3,13-15).

A assiduidade no ensinamento apostólico, a comunhão fraterna, a partilha do pão e a oração em comum caracterizavam quem

seguia Jesus Cristo. A vivência da fé em Cristo provocava novo modo de ser, diferente do verificado nos grupos religiosos já existentes. A mensagem de Jesus atraía mais pelo entusiasmo de como se vivia do que por força da oratória e da argumentação. Por esse testemunho, o número dos que se convertiam aumentava e era destaque no relato de Lucas (At 2,47; 4,4; 5,14; 6,1.7; 9,31; 11,21.24; 12,24; 13,48-49; 16,5; 19,20).

Da mesma forma, séculos depois, o sonho da fraternidade universal e da partilha de bens deve permanecer como distintivo cristão na sociedade. Enfrentamos outros desafios e vivemos em outro contexto, diferentes dos do primeiro século, porém essa leitura ensina como viver melhor a relação com as pessoas e com as coisas. Trata-se de um ensinamento cristão que pode ultrapassar os âmbitos da confissão de fé e chegar a pessoas de outras religiões, para um ideal de vida comum no nosso planeta tão ameaçado.

2. II leitura (Ap 1,9-11a.12-13.17-19)

A palavra “apocalipse” significa “revelação”. O livro que recebe esse título, no Novo Testamento, apresenta uma narrativa da ação de Deus na história humana, conduzindo-a à comunhão com ele e superando as tribulações presentes. O autor usa de imagens e fenômenos para transmitir uma mensagem de esperança à comunidade perseguida.

O trecho da segunda leitura narra a visão de uma mensagem destinada às Igrejas da Ásia Menor. João se volta para a voz e vê sete candelabros e, no centro deles, um ser humano (um “filho de homem”, como se diz na Bíblia – Dn 7,14); alguém muito especial, pois está envolto em luz, no centro da visão, com vestes brancas e douradas, representando sacerdócio e realeza (v. 12-13). Trata-se de uma descrição do Senhor ressuscitado, com elementos bíblicos conhecidos pela comunidade à qual se destinava o texto.

João, assombrado com aquela experiência tremenda, cai aos pés do Filho do Homem e sente a mão direita dele (o lado da força) sobre si (v. 17). O Filho do Homem se identifica com as atribuições divinas: o princípio e o fim, criador e consumidor de todas as coisas. Por isso, o profeta e os que recebem seu testemunho não precisam temer.

O Filho do Homem venceu a morte. Ele morreu, mas vive eternamente e possui as chaves da morte e do Hades (a mansão dos mortos, o Xeol). Os leitores e ouvintes do texto, daquele tempo e do presente, imediatamente identificam a imagem e a descrição com Jesus Cristo, que morreu, venceu a morte, ressuscitou dentre os mortos e vive eternamente. Esse é o núcleo da fé cristã hoje celebrado na liturgia.

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

No Evangelho deste domingo, lemos um dos tantos relatos das chamadas aparições do Ressuscitado à comunidade. O v. 19 descreve um pouco o estado do grupo de Jesus: eles estavam reunidos a portas fechadas por medo dos judeus – situação aguardada e comum para um grupo cujo líder fora crucificado.

Jesus vai aos discípulos e se coloca no meio deles, desejando-lhes a paz e apresentando suas mãos e seu lado. Aquele que fora abandonado regressa para aqueles que o abandonaram. Ele, que caminhou com os discípulos por tantas estradas, encontra-os fechados e quietos naquela sala.

Os discípulos se enchem de alegria por verem o Senhor (v. 20). A situação conflituosa e perturbadora é convertida em profunda alegria, entusiasmo, ânimo e coragem. O inverso daquilo que os discípulos sentiam, antes desse encontro com o Ressuscitado. A experiência da ressurreição de Jesus é transformadora, empolgante e arranca o ser humano da própria angústia, abrindo-o à felicidade plena e ao sentido da vida.

Ainda falando, Jesus acrescenta: “Como o Pai me enviou, também vos envio” (v. 21). Os discípulos têm a tarefa de anunciar e testemunhar aquela experiência de fé que lhes converteu o coração. Doravante, a intrepidez, a ousadia e o destemor devem caracterizar a nova postura de vida e a proclamação da ressurreição de Jesus, que apresenta também suas chagas glorificadas como sua identificação e como registro de sua entrega amorosa a Deus e à humanidade. Tamanha era a graça que os discípulos tinham, que não podiam retê-la para si mesmos; são, portanto, enviados para transmiti-la, a fim de também converterem os medos e as mortes em destemor e vida nova.

Para isso, os discípulos recebem o Espírito Santo, continuando a missão de Jesus Cristo, proclamando e realizando o que foi sua missão: o perdão dos pecados (v. 23). Testemunhar o Ressuscitado significa viver impelido pelo Espírito de Deus, que foi soprado sobre todos, dando-nos vida nova, plena e em comunhão definitiva com Deus.

A segunda parte do Evangelho de hoje apresenta a experiência de Tomé (v. 24-28), representante de quem quer acreditar na ressurreição de Jesus. Ele não estava com o grupo por ocasião do encontro entre Jesus e os outros discípulos (v. 24), apenas ouve o testemunho deles: “Nós vimos o Senhor” (v. 25). Tomé anseia pelo mesmo encontro e, além disso, quer colocar os dedos nas marcas dos pregos e a mão no lado aberto. Trata-se do anseio de quem escuta uma notícia a respeito de um evento imprevisível.

João narra novo encontro de Jesus com seus discípulos no primeiro dia da semana, desta vez com a presença de Tomé (v. 19-26). O desejo de paz de Jesus para o seu grupo continua (v. 26). Em seguida, ele convida Tomé a pôr o dedo na ferida e estender a mão para colocá-la no seu lado. Trata-se do convite à experiência de fé e à aproximação do mistério de ressurreição.

A reação de Tomé foi de reverência e reconhecimento daquele diante de quem ele estava. Não era um fantasma ou fruto do desvario dos outros discípulos. Era Jesus crucificado, ressuscitado por Deus, trazendo as marcas da paixão e a glória da ressurreição. Uma situação não se dissocia da outra: o crucificado-glorificado é o ressuscitado com suas chagas.

O trecho do Evangelho se conclui com a informação de que Jesus realizou muitos outros sinais além daqueles relatados e conhecidos por nós (v. 31). Ele continua agindo em nossa história humana. O que lemos e ouvimos a respeito do Senhor é um apelo à fé, para que tenhamos vida no nome dele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Essas leituras nos põem em relação com o Ressuscitado, aquele que pode transformar nossos sentimentos em paz e alegria, a fim de que o testemunhemos. Para isso, ele sopra sobre nós seu Espírito, para vivermos o perdão dos pecados.

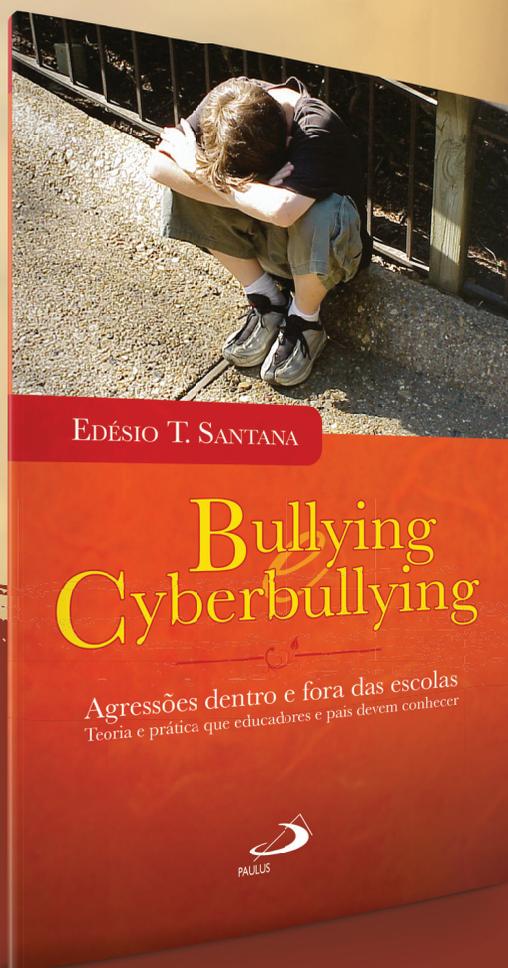
Outras “chagas” se apresentam diante de nós no mundo contemporâneo. Os pobres, doentes e excluídos de nosso tempo representam novos rostos, com os quais podemos praticar a experiência de Tomé. Tocar essas feridas, hoje, implica ser presença solidária, acompanhar, contribuir, apoiar, alimentar sintonia e comunhão com aqueles que clamam por justiça e por uma presença consoladora, carregada de ternura e compaixão.

A experiência de encontro com o Senhor ressuscitado não é delírio dos primeiros discípulos ou ideia infundada da comunidade primitiva. A mudança de vida confirma o que o Espírito Santo gera naqueles que se dispõem a ele. Assim, que nossas liturgias nos ajudem a viver o compromisso do perdão e do amor, a exemplo de Jesus.

vp

Bullying e Cyberbullying

Agressões dentro e fora das escolas
Teoria e prática que educadores e pais devem conhecer



A obra apresenta os fenômenos do *bullying* e do *cyberbullying* a partir de exemplos presenciados no cotidiano. O *cyberbullying* é o *bullying* eletrônico, via internet, e traz, no seu conteúdo, mensagens ofensivas e/ou desagradáveis. A leitura deste livro é fundamental para todos, principalmente para educadores e pais.

Capacite-se para orientar os jovens e os adolescentes.

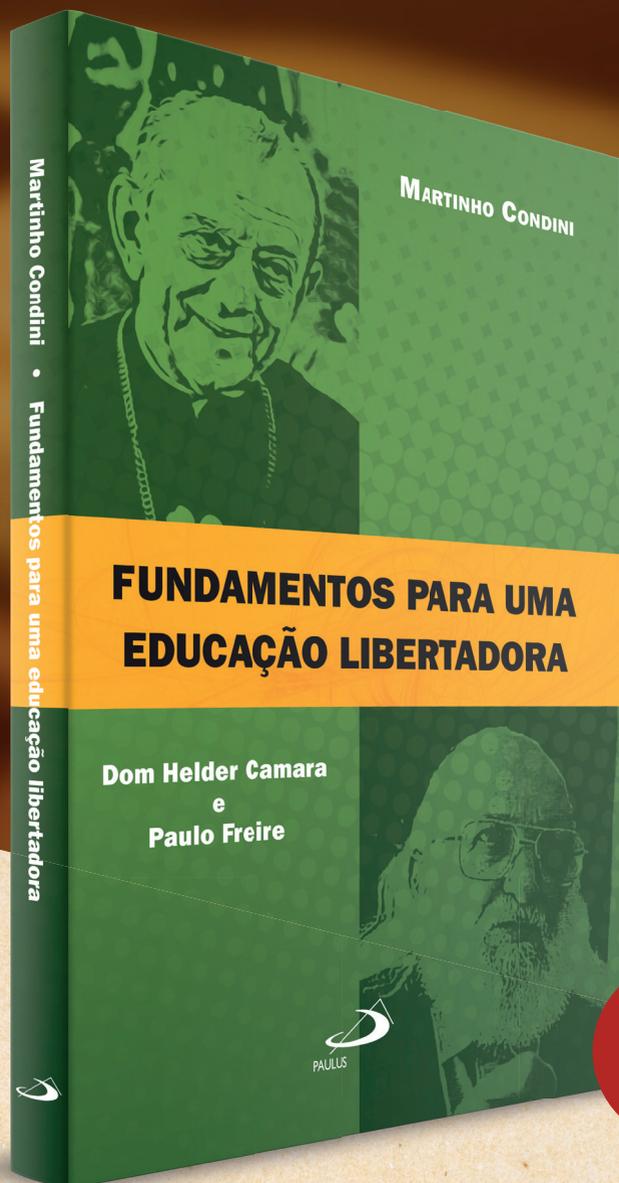
paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Comunicação
para um mundo melhor



Aponte a
câmera do
celular e
adquira o seu!


PAULUS



APRENDA COM LIBERDADE E TERNURA!



Esta obra apresenta os ideais propostos por Dom Helder Camara e Paulo Freire em uma abordagem filosófico-educacional. A relação Helder-Freire é relevante, pois ambos tiveram uma trajetória de propostas semelhantes em diferentes setores: a construção de uma Igreja libertadora e a construção de uma educação libertadora.

Leia a obra completa!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

